



rio duet series

SUZANA TILL NEVES



Orientação: Zoy Anastassakis
Escola Superior de Desenho Industrial
Centro de Tecnologia e Ciências
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

 Rio de Janeiro, 2013



rio duet series

SUMÁRIO

1.	Introdução	<i>11</i>
2.	Idealização	<i>12</i>
2.1	Desenvolvimento do conceito	<i>13</i>
2.2	Motivações	<i>15</i>
2.3	Escolha do suporte	<i>17</i>
3	Desenvolvimento do projeto	<i>19</i>
3.1	Sobre os percursos	<i>19</i>
3.2	Registros do percurso	<i>22</i>
3.3	Questões de produção	<i>26</i>
4	O projeto gráfico	<i>29</i>
4.1	A embalagem	<i>29</i>
4.2	A carta	<i>30</i>
4.3	Logotipo	<i>30</i>
4.4	Os zines	<i>32</i>
5	Spreads	<i>37</i>
6	Sobre o processo de produção	<i>47</i>
7	Documentação fotográfica	<i>53</i>
8	Referências bibliográficas	<i>76</i>
9	Anexos	<i>78</i>

Gostaria de agradecer a todos os que fizeram desse projeto realidade. Primeiramente – e sempre em primeiro – à minha mãe, que sempre segurou a minha onda seja qual fosse a situação, e mais esse ano. E junto, ao meu pai, por ser tão especial como só ele é capaz de ser.

Ao meu avô, por ser tão jovem! ♥

Aos meus amigos, António Boavida, eterno parceiro de apartamento, Design e cervejas, por ser meu consultor em metodologia de Design quando eu mais precisei. À Isadora, nova eterna parceira de apartamento, por estar presente em todos os momentos. Às a escola, pelo fato de existirem e serem minhas irmãs, o melhor presente que a vida me deu.

À Bia, Lívia, Ju, Nina e Borja, pelos textos e rostos lindos.

Ao Toddy, cãopanheiro espoleta .

À Zoy, a melhor orientadora que eu já tive na ESDI, que não me deixou desistir, nem muito menos relaxar, como quase o fiz algumas vezes ;)

E principalmente ao Adri, pela lição de vida.

RESUMO

"Rio Duet Series" é um convite à passear pelas mil faces da cidade do Rio de Janeiro. Uma série de registros visuais montados a partir de relatos de pessoas que vivem a cidade de maneira distinta. A tradução gráfica desses relatos cria então uma única cidade construída à partir de duas visões: a do outro, e a minha visão sobre a visão do outro. Assim o projeto convida à reflexões sobre questões de interpretação e subjetividade.

Palavras-chave:

Cidade - Rio de Janeiro / Mapeamento Emocional / Percursos Urbanos / Design Editorial



ABSTRACTE

"Sèrie Duet Rio" és una invitació a caminar una altra vegada per milers de cares de Rio de Janeiro. És una sèrie de registres visuals montados d' informes dels personatges que experiencian la ciutat de maneres diferents. La Traducció gràfica de aquestes històries llavors crea una ciutat des de les dos visions: la visió de l'altre, i la meua visió sobre la visió de l'altre. Així el projecte convida a reflexionar sobre llavors qüestions interpretació i de la subjectivitat.

Paraules clau:

Ciutat - Rio de Janeiro / Mapa Emocional / Camins Urbans / Disseny Editorial

ABSTRACT

"Rio Duet Series" is an invitation to walk through the multiples faces of my city, Rio de Janeiro. It's a serie of graphic / visual snapshots taken from Uma série de registros visuais montados a partir de reports of people who experience the city in diferent ways. The 'graphic-translation' of these reports creates a unique city built from two points of view: the one from other, and my vision on the vision of the other. Thus the project invites you to reflect on matters of interpretation and subjectivity.

Key Words:

City - Rio de Janeiro / Emotional Mapping / Urban Pathways / Editorial Design

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do presente projeto se delineou a partir de uma reflexão sobre o significado da palavra: **Utopia**, palavra-tema proposta pela banca do 5o ano da ESDI. Pensando todos seus significados e possibilidades de interpretação, percebi que a etimologia da palavra utopia: "*o não-lugar, o lugar ideal*", estava intimamente relacionada ao meu conceito pessoal de utopia, à *minha utopia*, como fomos instigados a buscar em um primeiro exercício proposto pelos professores.

—Assim, decidi que o projeto se daria a partir de uma investigação a respeito do que seria um **lugar ideal**, para mim, para o outro, e para nós. Um lugar ideal é aquilo que projetamos em nossas cabeças como um espaço onde as relações se dão na mais perfeita harmonia, em que tudo funciona perfeitamente. Thomas More o descreve como um lugar puro onde funcionaria uma sociedade perfeita, quem sabe a Fernando de Noronha de 1053, descrita por Américo Vespúcio em sua *Lettera*? —Essa ideia pode ter sido formalmente apresentada por More no início do século XVI, mas, a meu ver, ela nasce e cresce junto com todo ser humano. Estamos sempre tentando projetar em nossa realidade diária elementos daquilo que perseguimos como utopia. Nesse sentido, penso que, todos os dias, estamos tentando buscar na cidade pequenas partes do que seria essa nossa utopia, —o nosso **lugar ideal**.

Mas, se estamos todos na cidade à caça desses elementos, quais são os que nos conectam? Porque pessoas diferentes passam por lugares diferentes, no entanto sentem a mesma coisa ao estar ali?

—
IDEALIZAÇÃO

Foto 1 _ Largo di Santa Susanna, Roma 2009

Como responder às perguntas apontadas acima? Nessa tentativa, o projeto enfim nasceu. Questionamentos desse tipo rodeiam a minha cabeça desde que fui morar na cidade de Barcelona, há dois anos e meio. Através do contato com uma nova realidade urbana, me dei conta de que estava o tempo todo buscando as similaridades que esse novo ambiente poderia ter com o Rio de Janeiro. Ao voltar para o Brasil, ironicamente me peguei realizando o processo inverso. Foi necessário esperar até maio deste ano para que, então, Guy Debord me dissesse que "*Os setores de uma cidade são até certo ponto decifráveis. Mas o significado particular de cada um deles não representa nada para nós, é como o segredo da vida privada em geral, quando tudo que possuímos são desprezíveis documentos*".

—Penso que as cidades – sejam elas reais ou não – nascem das relações que construímos com elas e seus componentes, e assim como conservamos as relações interpessoais, o fazemos com as cidades. Para onde quer que vamos, carregamos conosco nossa maneira de nos relacionarmos com elas. Estamos em Roma tentando encontrar as *Termas de Caracala*, ou a única igreja construída por Da Vinci, mas quando, sem querer nos deparamos com um pequeno largo que leva o seu nome (foto 1) é quando realmente nos sentimos identificados com aquele ambiente.

—Um exemplo talvez demasiado simples para explicar uma ideia, a qual é a base para o desenvolvimento desse projeto, porém com ele tento demonstrar a existência daquilo que os situacionistas já descreviam como *a aura das cidades*. Phil Baker, em seu *Ensaio sobre Psicogeografia e Devastação de Londres* diz que "*as zonas e bairros de uma cidade são compostos de distintos microclimas psíquicos; alguns lugares nos atraem, outros nos repelem, outros nos dão uma sensação psíquica mais morna ou mais fria, de certo*

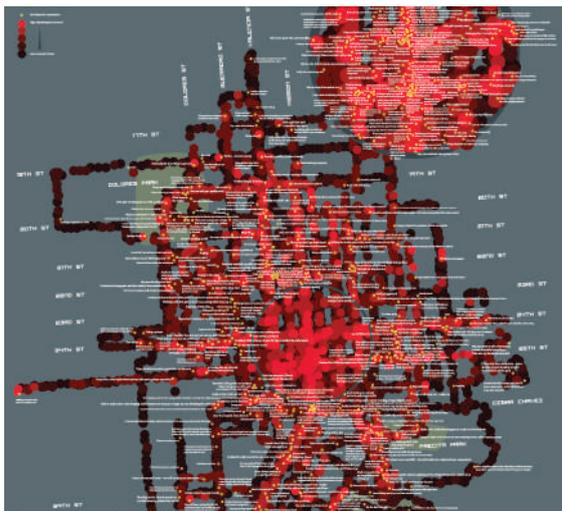
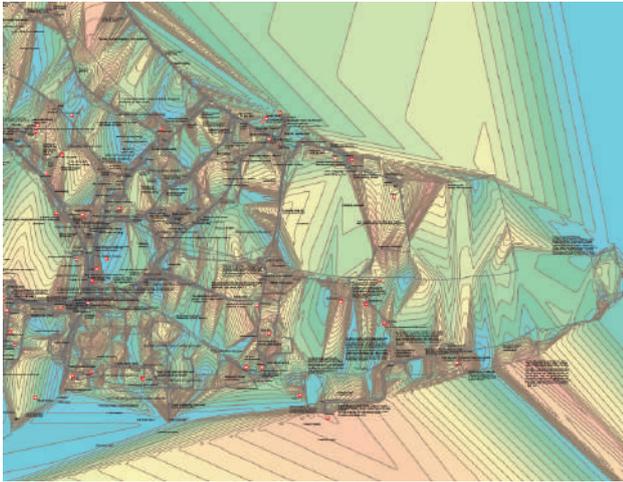
modo tudo isso pode ser mapeado. Esse efeito emocional pode estender-se desde um vão entre edifícios, ou até mesmo aos quartos."

—Pensando sobre estas zonas, lembro-me também de uma ideia apontada por Afonso Henriques Neto em seu livro *Cidade Vertigem*, no qual ele diz ter se sentido como um estrangeiro em Londres, mas em casa quando estava em Paris, porque ali percebia traços do seu Rio de Janeiro. Assim, reforço a ideia de que estamos sempre tentando encontrar o nosso lugar ideal. Nos apegamos àqueles elementos da cidade os quais nos são mais amigáveis e, de certa forma, nos remetem à *nossa utopia*. Por onde quer que transitemos, estamos sempre buscando essas similaridades que nos fazem nos sentirmos confortáveis, como em casa, no nosso *lugar ideal*.

—Desse modo, este projeto é o resultado de uma investigação a respeito dessas distintas maneiras de perceber e se relacionar com o espaço urbano, e afinal, de como elas se conectam.

2.1 _ desenvolvendo do conceito

A partir dessas reflexões, iniciou-se a fase de desenvolvimento do projeto. Minha intenção foi criar algum tipo de mapeamento sentimental do Rio de Janeiro, gerado coletivamente a partir das memórias que as pessoas possuem da cidade. Baseado na metodologias dos *Bio-Mapas* de Cristian Nold, decidi modificar sua proposição e analisar os resultados que a memória poderia oferecer nesse processo. Seus *Bio-Mapas* são resultados de uma ferramenta desenvolvida pelo mesmo para visualizar a reação das pessoas ao mundo exterior. Cristian desenvolveu um dispositivo denominado *GRS*, o qual gera indicadores de níveis de excitação emocional em relação à sua localização geográfica. Assim, o artista convida pessoas a usarem esse dispositivo ex-



Fotos 2 e 3_ Os "Bio-Mapas" de Nold

plorando as áreas onde vivem e, como resultado, constrói mapas sentimentais (fotos 2 e 3) a partir do conjunto dessas reações.

—Para mim, a memória transmite uma relação de afetividade maior do que uma reação instantânea que você possa ter ao passar por determinado local. É claro que essa reação também está intimamente ligada à memória que se tenha daquele lugar. Mas, quando você é instigado a pensar sobre a sua cidade, de algum modo você acaba por lembrar das coisas que mais te tocam, daquilo que mais te marca nela. Por essa razão, decidi optar por uma metodologia que formulasse percursos na cidade sem efetivamente realizá-los.

—Foi então necessário pensar em uma estratégia de abordagem para a criação desse mapeamento colaborativo. Para tal, baseei-me no processo realizado por Kevin Lynch em seu livro *A Imagem da Cidade*. O autor convida uma série de pessoas a responder algumas perguntas sobre suas cidades, na intenção de questioná-las sobre sua percepção da cidade, como estruturavam a imagem que tinham dela e como se localizavam.

—Após a análise desse processo, realizei adaptações em seu método de entrevista para adequá-lo ao que mais me interessava investigar dentro desta questão das relações humanas com a cidade, em específico com o Rio de Janeiro. Foi então formulado um questionário com cinco perguntas (anexo 1) e convidei uma série de pessoas à respondê-las. Pessoas de idades variadas, classes sociais diferentes e nacionalidades distintas.

—Nestas cinco perguntas, eu sugeriria ao entrevistado que montasse roteiros imaginários pela cidade, convidando-o a descrever as partes que mais lhe agradavam no caminho e a pensar sobre esses trajetos. Ao analisar as respostas, a intenção foi, mais do que buscar as diferenças, encontrar as conexões, e mais do que criar um mapeamento coletivo, gerar um registro visual dessas impressões.

2.2_ motivações

Com tantas e diversas respostas em mãos, foi necessário fazer um recorte para tornar possível criar este registro visual. Analisando um a um cada pessoa que respondeu ao questionário, pude identificar, em um plano macro, cinco grupos distintos. Esquecendo um pouco a ideia de diferenciá-las por classe ou por faixa etária, pensei em distingui-las pela relação que cada uma possuía com o território da cidade. Se ele era seu, se o havia pego 'emprestado', se o havia 'conquistado'. Explicando melhor, cinco tipos de pessoas que vivenciam a cidade de maneira distinta por havê-la conhecido de maneira distinta: o carioca, aquele que nasceu e vive aqui desde sempre, o estrangeiro-carioca, que é de fora e veio morar no Rio, a carioca-estrangeira, que é carioca mas mora fora, o brasileiro-carioca, que veio de outro estado para morar aqui, e o carioca-gringo, que veio só de visita.

—A razão de optar por estes cinco tipos específicos deu-se, também, por uma questão de afinidade pessoal. Ao ler seus textos, senti um certo ar de nostalgia mesclada a saudades, com o qual me identifico. Alguns de nós nesses últimos anos tiveram a oportunidade, através da faculdade ou não, de vivenciar a experiência de morar no exterior, e como já mencionei acima, essa experiência mudou não só a minha forma de ser, como a de perceber a cidade. Acredito que isso aconteça com todos nós e por isso também a escolha por trabalhar neste nicho.

—Inicialmente, a ideia foi gerar apenas um mapeamento sentimental de impressões do Rio de Janeiro, no entanto, como já dito, ao longo do desenvolvimento do projeto surgiu-me o desejo de gerar um registro visual dessas impressões. Algo que não fosse somente cartográfico, mas também fotográfico, gráfico. Nasceu a vontade de percorrer esses trajetos que me foram fornecidos com um olhar mais apurado, percebendo e



Fotos 4 e 5_ Barcelona CMYK



- registrando as nuances e sutilezas dos caminhos.
- Assim, decidi selecionar entre todos os entrevistados, um personagem ícone para cada um dos cinco grupos mencionados, e percorrer o trajeto que me foi fornecido por eles, registrando as minhas sensações ao realizar esse caminho. Como resultado foram criados cinco zines, em que cada um é uma tradução gráfica pessoal a partir das impressões do outro sobre a cidade do Rio de Janeiro.
- A cidade do Rio de Janeiro está passando por um momento de transformação muito delicado. Com a aproximação da chegada de grandes eventos à cidade, o que se percebe é a exploração de uma nova estratégia de atrair capital, na qual, através de planos de intervenção urbana, tenta-se projetar a imagem da cidade—nacional e internacionalmente. Essa então se configura, por si própria, em uma mercadoria a ser vendida. Esta ideia de *City-Marketing*, analisada pela socióloga portuguesa Izabela Naves em seu artigo *A Cidade Espetáculo: Efeito da Globalização*, me fez pensar na necessidade de observar o Rio pelo processo inverso. Deixar de pensar a cidade como um espaço mercadológico a ser explorado através de um planejamento urbano estratégico, para então explorar esse espaço urbano de uma maneira mais despreziosa, atentando à poesia visual que a cidade nos fornece a cada dia, mas que às vezes passa por nós despercebida.
- A grande inspiração para o projeto veio do livro *Barcelona CMYK*, que é resultado de um ano das andanças de dois designers catalães pela cidade de Barcelona (fotos 4 e 5). A dupla foi registrando suas impressões da cidade, grande parte texturas e detalhes, e as compilou nesse livro. Outra inspiração veio do zine *Stars*

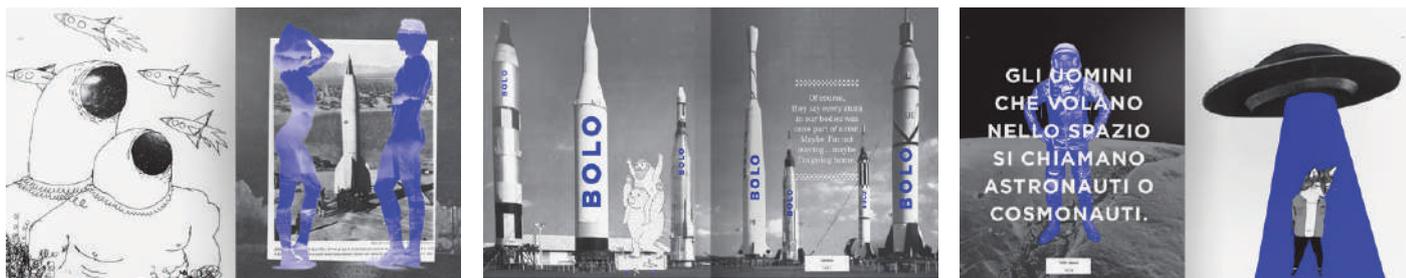
are indispensable, do coletivo BOLO, um registro gráfico do grupo de sua viagem à Lua (fotos 6, 7 e 8). Obviamente é um registro infundado, pois o grupo nunca foi à Lua, mas é interessante analisar a coesão do percurso, como ele realmente pode 'existir' quando se segue as informações que dadas a respeito do trajeto.

2.3_ escolha do suporte

Mas porque um fanzine, ou melhor, um conjunto deles? Fanzine, por definição vem da aglutinação das palavras *fantastic magazine*, uma revista editada por um *fan*. Essa definição simples, que pode ser encontrada na *Wikipédia*, acaba por traduzir bastante do que é o conceito deste projeto. Uma publicação despretensiosa feita por fãs da cidade do Rio de Janeiro. Eu, e estes cinco personagens que selecionei como ícones dos diferentes tipos de 'apaixonados pelo Rio'.

—Zines são produzidos para pessoas – e por pessoas – que gostam de um tema em comum, têm por característica um certo refino gráfico e são uma ferramenta de alto poder de difusão de ideias através de uma mídia impressa de baixo custo de produção. Ao longo da história, os zines tiveram o papel de veicular e difundir ideais políticos, tendo sido um recurso de comunicação muito usado por *punks* e anarquistas.

—A publicação que vos fala não possui nenhum ideário político ou social explícito. Ela é um convite a observar o Rio sob um olhar poético/gráfico, minha tradução gráfica do olhar do outro.



Fotos 6, 7 e 8_ Spreads do Zine Stars are indispensable

—Essa via interpretativa de mão dupla sugere uma reflexão sobre o significado desta ação. O ato de interpretar vem de dar significação à alguma coisa; a interpretação estabelece a comunicação entre duas entidades. Uma definição um tanto capciosa, pois, se são necessárias duas entidades para que haja interpretação, supõe-se que essas duas entidades possam interpretar um significado de maneira distinta, logo teríamos duas interpretações de um mesmo significado. Através deste projeto gostaria de incitar essa discussão.

—O conjunto de processos mentais desencadeados no processo interpretativo, é exclusivo de cada um. A interpretação é a etapa final no processo de comunicação, e através da linguagem, seja ela qual for, estabelecemos o canal para essa comunicação, mais uma instância dentro de um sistema de comunicação complexo. Para Walter Benjamin, a linguagem humana é um meio no qual sua essência se expressa, um *medium* de reflexão. Sendo assim, vejo no ato de interpretar a tomada de contato com a essência do outro, e é nesse choque de essências que essa imagem de um mesmo significado pode, ou não, se transformar.

—Por fim, por que cinco e não um?

—Cada história possui um contexto distinto, por isso creio que merecem atenção em momentos exclusivos. Porém as histórias se complementam, primeiro por falarem muitas vezes de aspectos em comum e, segundo, por serem visualmente interpretadas por mim, assim 'falam a mesma língua' (sobre a língua, discutiremos a seguir). Assim, elas vêm em conjunto, porém nada impede que se queira ler somente uma história, ou que muitas outras sejam acrescentadas a essa série. É um projeto infinito, como o conceito de série na matemática. Contudo, como o ano letivo é finito, foi necessário um recorte que pudesse expressar com clareza a ideia apresentada. A eleição desses cinco personagens icônicos surge então como tentativa de abranger diferentes realidades através do ponto de vista global.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO



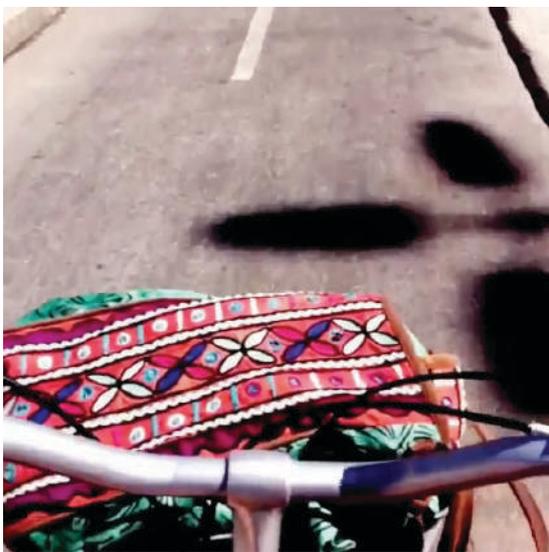
Foto 9_ Equipamento

3.1_ sobre os percursos

Com os cinco relatos em mãos, me defrontei com cinco caminhos a serem percorridos e registrados. Folheando a produção contemporânea de fanzines, estamos acostumados a ver o uso de muitas imagens e fotografias da década de 50, 80, as quais muitas vezes não foram produzidas por quem edita o zine, por isso decidi que todo o processo de documentação visual e edição desses trajetos seria realizado por mim. Isso quer dizer que todas as fotografias e imagens dos zines são de minha autoria – com exceção do mapa satélite do Rio de Janeiro. Naturalmente, este não poderia ser fotografado por mim, porém se fazia necessário para expressar a ideia que desejava passar. Essa decisão é resultado, também, de um antigo desejo de montar um livro fotográfico autoral. Paralelo ao trabalho como designer, realizo trabalhos de fotografia e foto-montagem, e fico bastante feliz em saber que, através do projeto final, terei a oportunidade de mostrar meu trabalho a outras pessoas.

—Para a execução do processo de produção de conteúdo imagético, me muni de uma câmera fotográfica digital **Canon 60D**, uma câmera analógica **Diana +**, uma câmera analógica de fotografia sequencial **Lomo Kino**, e um **Iphone 4S** (foto 9). Com os equipamentos em mãos, optei por percorrer cada trajeto por vez, sempre na ordem que o caminho foi descrito. No caso não foi importante otimizar o processo, ou seja, não interessava o fato que em dois livros os personagens mencionassem o bairro de Ipanema, por exemplo. O importante foi seguir o percurso que me foi narrado por completo e na ordem em que ele foi montado, não importando o fato de ter que retornar ao lugar, quando estivesse seguindo o percurso de outro livro.

—Esses trajetos estão todos descritos no anexo 2. Ali estão os cinco relatos na íntegra e em versão original. Foi através deles que os percursos pela cidade se delinearam, sempre buscando obedecer fielmente todas suas etapas.



Fotos 10, 11 e 12_orla de Ipanema em bicicleta

Ao propor esse exercício, eu sugeri aos entrevistados que me descrevessem trajetos que na teoria fossem impossíveis serem realizados à pé, mas que fossem seus preferidos. Por essa razão, obviamente eu tampouco poderia realizá-los caminhando, às vezes nem mesmo em um só dia. Esse impedimento tornou o processo em parte mais lento, porém seguramente mais rico. Percorrendo os roteiros em três meios de transporte distintos – de carro, de bicicleta e a pé – pude experimentar novas perspectivas fotográficas, explorar como a velocidade dos meios de transporte somada à velocidade do obturador modifica o resultado da fotografia e, claro, aproveitar o passeio. (fotos 10 a 14). Como tive que voltar algumas vezes aos mesmos lugares, procurei sempre alterar o meio de transporte com o qual realizei o percurso.

Outro fator importante no processo foi a ordem de concepção dos livros. Além dos registros terem sido feitos um após o outro, todo o processo de tratamento gráfico das imagens, construção dos textos auxiliares e diagramação de cada página também foram feitos na mesma ordem. Os livros não foram projetados em paralelo, o que acabou por resultar em um *mix* de imagens, cada livro foi 'ganhando' partes do outro. O processo ocorreu de maneira muito natural, conforme elementos iam se repetindo, sentia a necessidade de representá-los de uma mesma maneira, o que acabou sendo um fator importante para passar essa noção de 'série de zines'.



Fotos 13 e 14_ Aterro percorrido de carro

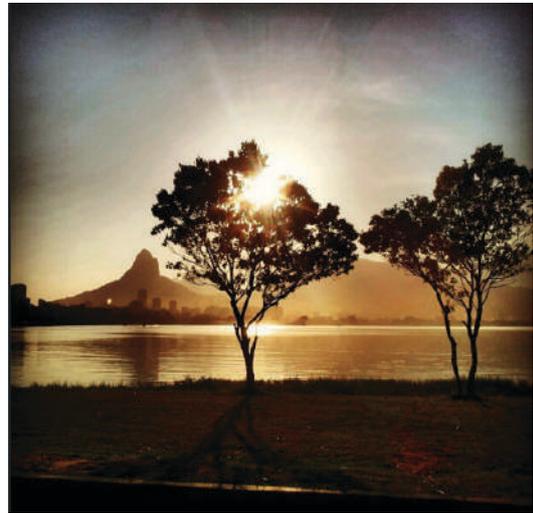
—Voltando aos percursos, após concluir os cinco, era natural a curiosidade de analisar as semelhanças entre eles. Afinal, como dito no início, me interessava saber quais os elementos das cidades que nos conectam, porque determinados lugares chamam a atenção de pessoas com *backgrounds* totalmente diferentes.

—No caso do Rio, é fácil entender quais são esses lugares, e porque são os favoritos. É uma cidade que vive cercada por natureza, como poucas ou quase nenhuma no mundo. Assim, penso que seja praticamente impossível que esses lugares passem despercebidos por alguém. Por isso, não me surpreendeu que a praia ou algum dos mil morros que temos estivessem presentes em todos os cinco relatos.

—Porém, interessante é voltar a pensar a respeito da ideia de Thomas More sobre utopia. Se é certo que a obra sobre o tema tenha sido inspirada pela *Lettera* de Vespúcio, que descrevia Fernando de Noronha como um *lugar mágico*, não posso deixar de achar no mínimo uma curiosa coincidência, o fato de que todos tenham incutido uma série de elementos da natureza em um trajeto que descreviam como *seu favorito na cidade*.

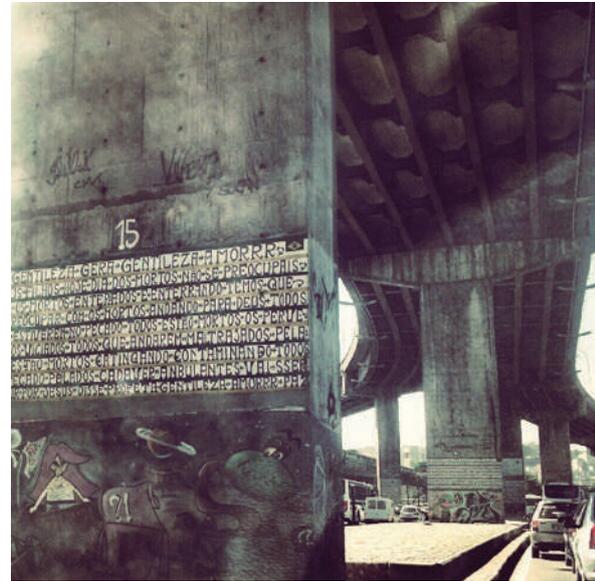
—Não quero com isso defender que todos no mundo têm como utopia pessoal passar o resto da vida 'no meio do mato' cercado à natureza; só me pareceu um aspecto de interessante reflexão, já que quando falamos de *utopia*, *lugar ideal*, estamos tratando justamente da temática proposta para o projeto de conclusão, que, sendo assim, também orientou todo o desenvolvimento desse projeto.

—No mais, outra coisa que identifiquei em comum, a mais de um relato, foi a citação ao povo carioca. Fomos descritos como um elemento importante dentro da identidade da cidade, o que me faz pensar que o povo realmente é essencial para a construção dessa imagem, apesar de crer que em alguns povos isso se evidencie mais que em outros.

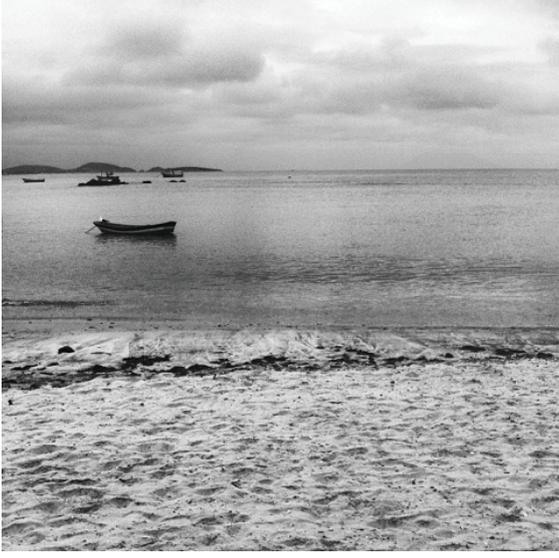




3.2_ registros do percurso



Alguns instantâneos fotografados ao longo do projeto que não foram de relevância para o mesmo, mas que mostram um pouco do que foi este processo. Câmeras_ Diana + (filme p.b. e filme positivo revelado por processo cruzado) e Iphone 4S.



3.2_ registros do percurso



Alguns instantâneos fotografados ao longo do projeto que não foram de relevância para o mesmo, mas que mostram um pouco do que foi este processo. Câmeras_ Diana + (filme p.b. e filme positivo revelado por processo cruzado) e Iphone 4S.



3.3_ questões de produção

É importante comentar sobre os processos de produção no momento em que estamos falando do desenvolvimento de projeto, pois o sistema eleito teve grande influência nas decisões projetuais. Ao analisar os cinco textos, identifiquei uma característica em comum entre eles, que era a menção à alguma cor. Por esta razão, decidi que os zines seriam impressos em *duotone*, sempre preto + a cor específica de cada um, e que o zine levaria o nome desta cor (ver mais em 4.1 cores e 4.3 língua).

- Para mim, o mais interessante no processo de impressão *duotone* é a possibilidade de trabalhar com cores especiais que não conseguimos encontrar no espectro CMYK. A cartela Pantone possui uma gama de cores bastante mais atraente que a de impressão comum em 4 cores.
- Nesse momento me deparei com um entrave de produção. Queria explorar as possibilidades que o *duotone* e a impressão em cor especial me permitem, porém a quantidade a ser produzida e o orçamento disponível claramente não me permitiam realizar uma impressão em escala Pantone (menos ainda porque seriam seis cores especiais – uma para cada zine + o preto). O processo serigráfico também seria inviável devido à quantidade de telas que teriam que ser queimadas.
- Pensando alternativas, concluí que a única maneira de conseguir o efeito desejado seria imprimindo em *Risograph*. A Riso é uma máquina de impressão em alta velocidade que permite um grande volume de impressão por um valor muito barato, isso porque o processo de gravação da chapa é muito simples. O original é digitalizado através da máquina e por meio de pequenos focos de calor a imagem é queimada em uma folha de arroz. Esta folha mestra é então enrolada em um cilindro de máquina e assim se dá a impressão.



O trabalho é executado através da máquina plana, enquanto o tambor roda em alta velocidade para criar cada imagem no papel. Sua tecnologia é similar a de um mimeógrafo, porém juntando diversas características de vários processos.

—Surge então um novo problema, por ser um sistema com diversos pontos falhos (ponto de retícula muito aberto, qualidade de imagem inferior aos outros processos, e muitos problemas de registro de impressão) esse processo entrou em decadência na década de 90, e quase nenhum lugar no Brasil trabalha com máquina Riso. Acontece que, como sempre se discute em Design, *o que para alguns é defeito, para outros é efeito*. Frequentando feiras de publicações impressas independentes como a *Pão de Forma*, onde normalmente os projetos editoriais exploram esses *defeitos de produção* como recurso gráfico, acabei travando contato com o estúdio/gráfica paulista *Meli-Melo*. O estúdio é praticamente o único no Brasil a trabalhar com impressão em *Risograph* e tem muita prática na impressão de fanzines. Ali, encontrei um catálogo de doze cores que me serviam perfeitamente para a impressão dos zines.

—O fato de poder trabalhar com os *duotones* pretendidos me alegrou muito, pois sempre quis realizar um projeto em que pudesse explorar o uso de cores especiais, além de ser um processo de produção mais experimental no qual nunca havia trabalhado antes. Penso que o projeto final é o momento perfeito para realizar esse tipo de projeto, pois a realidade do mercado normalmente repele esse tipo de experimentação.

O PROJETO GRÁFICO

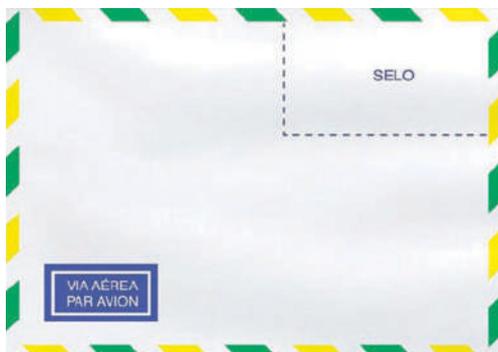
4.1 _ a embalagem

—Começaremos de fora para dentro, como quem recebe o produto. Já se sabe que o resultado gráfico do projeto é um conjunto de cinco zines, mas como esse conjunto viria apresentado? Se os estou tratando como partes de um todo, eles não poderiam vir soltos, sem nenhuma embalagem. Essa embalagem deveria expressar com clareza o conceito do projeto gráfico, pois ela é o primeiro ponto de contato do usuário com a peça. E qual o conceito que quero passar? Como já dito, o projeto é uma publicação despreziosa realizada de maneira experimental. Despreziosa porque não pretendo com ela passar nenhuma informação clara e objetiva, é muito mais uma tradução poética/visual do Rio de Janeiro do que um guia de roteiros pela cidade ou qualquer outra coisa. E experimental porque seus processos (de produção de imagens e de impressão) não foram conduzidos de maneira a atingir o resultado pretendido, os erros e acertos dos processos é que foram gerando os resultados.

—Pensando nessas duas premissas, decidi que a melhor embalagem para esse produto gráfico seria então um envelope. Um envelope em *papel kraft* como os que você recebe das gráficas quando pede provas, ou quando algum amigo deixa um documento na sua casa (fotos 15 a 17). Ninguém que recebe esse tipo de envelope tem a pretensão de estar ganhando algo muito especial. Mas quando, por exemplo, a sua prova veio da gráfica exatamente do jeito que você pediu, a surpresa é muito boa. Essa é, talvez ironicamente, a pretensão que eu tenho com esse projeto: que ao abrir o envelope a pessoa tenha uma surpresa boa.



Fotos 15 a 17 _ Referências de envelope



4.2_ a carta

Em conversas com o grupo de orientação foi sugerido que, de alguma forma, eu explicasse o projeto para aqueles que estivessem travando contato com ele, porque junto ao resultado gráfico, o mais interessante é o processo que levou até ele.

—Assim, seguindo a mesma linha de raciocínio do envelope, escrevi a mão uma carta que explicasse a ideia do projeto e contasse um pouco de seu processo. Essa carta foi *scaneada* para que pudesse ser replicada à todos os livros, impressa e envelopada em um antigo envelope dos correios, aquele que leva uma borda listrada com as cores do Brasil. Assim reforço a ideia do produto como encomenda, o que já pretendia passar com o envelope. Como cada livro é diferente do outro devido ao processo de impressão, é importante destacar essa característica da individualidade, por isso a eleição de uma tipografia escrita a mão, e não uma *handwritten* baixada da internet. Talvez uma *handwritten* fosse esteticamente mais atraente que a minha letra, mas assim não estaria sendo sincera com o projeto, penso que ele exige uma caligrafia natural, e não computadorizada.

4.3_ logotipo

Primeiramente é importante explicar o porque do nome: Rio Duet Series. Rio porque estamos falando do Rio de Janeiro. *Duet* significa dueto em catalão (ainda não chegamos a temática da língua - 4.5), dueto porque o livro é resultado da união das impressões de duas pessoas sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Series*, séries em catalão (como licença poética foi suprimida a crase na letra "e", já que sua falta não prejudica o entendimento do conceito, além do que séries em inglês é *series*, e em português também seria apenas retirar o acento) pois, como já dito, o projeto pode ir somando-se infinitamente. Série é uma sequência de coisas

que formam um conjunto. Em matemática o *conceito de série, ou ainda, série infinita, surgiu da tentativa de generalizar o conceito de soma para uma sequência de infinitos termos*. (definição segundo o livro *Matemática: conceitos e histórias*, de Scipione Netto).

Para mim, esse projeto não está restrito apenas a estes cinco livros, e nem somente ao Rio de Janeiro, dessa forma a palavra *series* me pareceu adequada, da mesma maneira a palavra *Rio* pode ser substituída por *Barcelona* ou *Nepal*.

—O símbolo nasce então do nome do projeto. As duas linhas representam duas vias de pensamento que caminham em paralelo. Se pensarmos segundo o debate proposto anteriormente, cada linha representa a essência dessas duas pessoas. A linha de baixo então é o encontro dessas essências, mais fina pois representa a interseção das duas. Nem todas as interpretações são as mesmas, mas é nessa interseção que está a alma do livro.



rio duet series

Quanto à tipografia, optei pela *Lydian*, do designer americano Warren Chappel, desenhada para a *American Type Founders* em 1938.

—É uma tipografia que, apesar de ser sem serifa, simula o recurso da pluma caligráfica, gerando um contraste forte em suas curvas e um ângulo interessante em suas terminações. Apesar de ser uma tipografia relativamente antiga nunca ganhou muito destaque entre a comunidade do Design. Tem sido muito mais usada

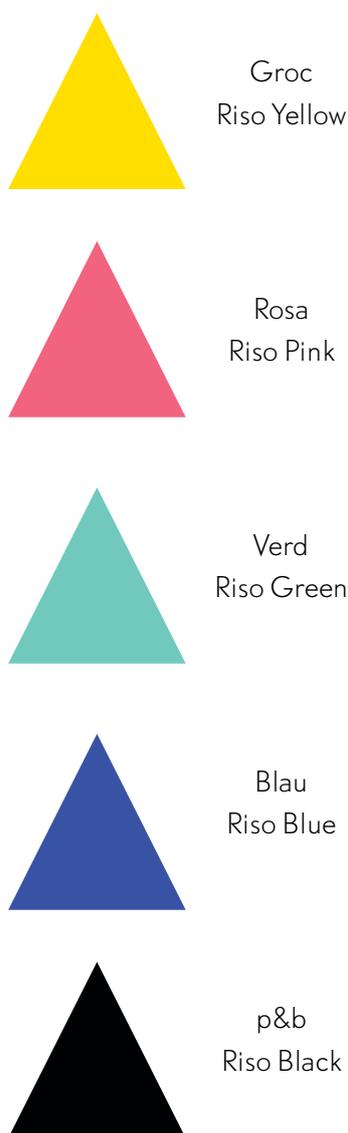
nos dias de hoje, principalmente pelo movimento vanguardista *Preety Ugly* que vem se apropriando de antigos 'dogmas' em relação ao que 'deve' ou 'não deve' ser feito' em Design, ao que é ou não é 'esteticamente atraente', como forma de recurso gráfico. O uso de tipografias de origem caligráfica como a *Neuland*, ou a *Lydian* é muito recorrente nesse movimento.

—Quanto a mim, pareceu adequado seu uso pois sendo uma tipografia caligráfica, que remete à escrita a mão, está em sintonia com o conceito do projeto.

ABCDEF GHIJKLMN
OPQRSTU VWXYZÀÁÉÎ
ÕØÛ abcdefghijklmn
opqrstuvwxyzàáéíõøü
& | 234567890(\$£.,!?)

4.3_ os zines

Para criar uma unidade entre eles - essa unidade se fazia necessária para que fosse possível passar a ideia de conjunto - era preciso então pensar elementos que os conectassem, somente um envelope e uma carta explicativa não bastariam. Como mencionado anteriormente, o processo ocorreu de maneira natural. Conforme os elementos foram se repetindo nos diferentes relatos, senti que deveria representá-los como havia feito no livro anterior. Porém isso não foi uma regra sempre. Penso que não seja relevante mencionar a ordem que os zines foram diagramados, mas somente para exemplificar: o livro verde algumas vezes cita as montanhas do Rio, e nesse momento ainda não me havia ocorrido representá-las por triângulos. Logo, no livro rosa, eles apareceram novamente, e então me veio essa ideia. Não faria senti-



do, porém, voltar ao livro verde e mudar a forma como eu havia representado pois, naquele momento, a minha interpretação do que me contava o Borja era outra, e isso é o que é importante no processo, entender como as ideias evoluem. Por isso, nem sempre todos os elementos estarão representados da mesma maneira em todos os livros, até porque, se assim fosse, o projeto seria mais um 'jogo' de arrumar elementos do que um exercício de interpretação visual. De fato, o que realmente dá unidade aos livros é o tratamento gráfico das fotografias. Esse tratamento é fruto de um trabalho que venho realizando desde o ano de 2010, quando comecei a me interessar por fotografia e fotomontagem. Além do que, o fato de les terem sido graficamente interpretados por uma só pessoa garante uma coerência visual ao projeto. A seguir comentarei sobre os recursos que foram utilizados para 'amarrar' o projeto.

cores

Não me estenderei muito nesta explicação, já comentamos na seção sobre as questões de produção (3.3). Porém, ao ler os textos vocês poderão perceber que cada relato faz menção de algum modo, mesmo que sutil, à uma cor. A razão pela qual isso aconteceu eu não sei dizer, talvez porque o Rio seja realmente uma cidade muito colorida, cheia de contrastes. Talvez se estivéssemos falando de Londres essa ideia não seria possível. Essa percepção me gerou o insight de trabalhar cada zine deste modo, nomeando-o assim por sua cor correspondente. Mas se digo que esse projeto não se retém a esses cinco relatos, como garantir que sempre haverá uma cor a ser explorada? A ideia é justamente essa, buscar encontrar na fala do outro algo de cor. Isso quando falamos de Duet Series - Rio. Novamente, se vamos à Londres não é necessário seguir essa regra, um novo insight pode surgir a partir do novo conjunto de relatos. Novas cidades, novas realidades, novas ideias.

estrutura Cada zine possui uma estrutura de 16 páginas de conteúdo, sendo a primeira o nome do zine (sua cor correspondente) e a última o texto que o originou, com a foto de quem o escreveu. É importante que o texto venha somente no final pois a ideia é que se aprecie primeiro a poética visual criada a partir desses roteiros.

—Após mergulhar nessas imagens, o espectador conhece a história por trás, e assim surge - ou não - a busca por encontrar a relação entre texto e imagens. Além disso, todas as costuras e capas são iguais. Quase, o que as difere é o mapa contido em cada uma delas.

—As linhas impressas na capa representam o percurso feito por mim para seguir esses roteiros. Essas linhas não foram feitas sobre o mapa do Rio de Janeiro, e sim pela memória que eu tenho da geografia da cidade. Assim voltamos à ideia de mapas sentimentais construídos através da memória.

—O formato escolhido foi 14,4 x 20 cm. Essa proporção buscou facilitar a impressão em *Risograph* (feita em chapas A3).

tipografia Optei por trabalhar com duas famílias tipográficas, que, em realidade, são uma só. Primeiro a *Courier*, de Howard "Bud" Kettler, desenhada em 1955. E segundo a *Courier Sans*, de James Gogguin, desenhada primeiramente em 1994, para seu projeto final, e depois vendida à *Lineto*. Essa tipografia é, na verdade é a versão sem serifa da famosa *Courier*. Pareceu-me interessante o uso dessa tipografia pois ela simula a escrita em máquina de escrever, um processo mecânico já tido como ultrapassado, porém que tem um certo charme, assim como o processo de impressão em Riso.

Uma observação importante: todos os zines foram feitos na mesma tipografia com exceção do livro *Verd*. Esse livro contém o relato do meu amigo Borja, designer espanhol e meu ex companheiro de apartamento

em Barcelona. Em seu livro a tipografia utilizada foi a *Akkurat*, de Laurenz Brunner para a *Lineto*, do ano de 2004. Essa tipografia foi utilizada como uma forma de agradecimento, pois um dia em nossa casa eu estava buscando uma tipografia para um projeto da minha Pós-graduação. E ele me sugeriu esta. Segui sua sugestão e, meses mais tarde, o projeto foi selecionado para participar de uma exposição na galeria *Mutt*, também em Barcelona. Por essa razão, quis homenageá-lo e utilizar a tipografia que ele um me apresentou e foi de tanta importância para mim.

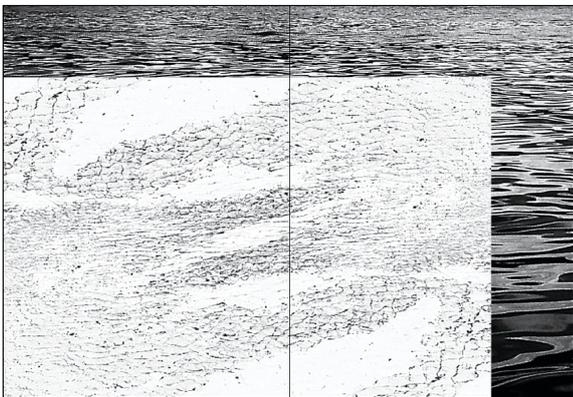
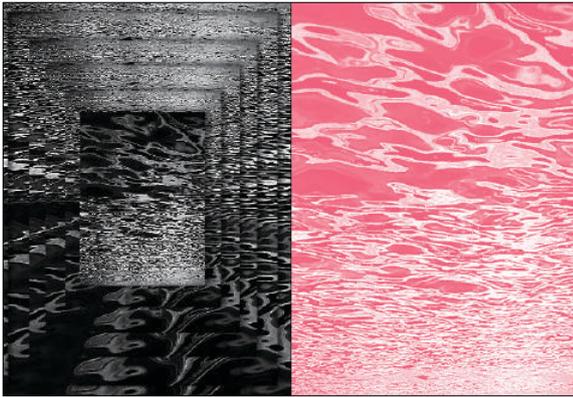
língua

Cada relato está escrito na língua em que me foi contado, não quis traduzi-los pois o processo de tradução também é um processo interpretativo. Se o fizesse, estaria alterando a interpretação do outro e essa não é a ideia do projeto. Mas, além dos textos em sua língua original e alguns fragmentos dos mesmos que inseri em páginas específicas, em alguns pontos dos zines eu acrescento comentários, pensamentos que me passaram pela cabeça e que achei que cabiam no contexto.

—Esses pensamentos estão escritos em catalão. Por que?

—Durante esse um ano e meio em Barcelona, estive em contato com uma realidade cultural e urbana que, apesar de ser em muitos aspectos similar a nossa, em muitos outros é completamente diferente. Essa experiência mudou a minha maneira de perceber e me relacionar com as cidades, creio que talvez ali tenha começado a nascer a ideia desse projeto, até mesmo porque já citei algumas vezes conceitos e referências retirados dali.

—Lá eu percebi também, através da vivência da língua, que duas pessoas enxergam uma mesma coisa de maneiras distintas, pelo simples fato da construção linguística ter nos ensinado a pensar diferente. Pronomes são colocados de maneiras diferentes, qualificando as coisas de maneira diferente. Juntando-as ou separan-



Fotos 18 a 19_ Mesma imagem trabalhada de 2 formas

do-as, cada língua faz do seu jeito. E espanhóis e catalães separam e juntam ainda mais. O texto em catalão é, então, uma menção a este aprendizado, uma homenagem a esse período, uma tentativa de pensar e de me expressar como este povo que eu sempre tanto quis entender e, assim, uma nova (terceira, quem sabe o eu-catalão?) interpretação desses relatos.

símbolos e imagens

Quanto à narrativa de imagens, ela segue a história. Cada página é um retrato de uma parte dessa história, é um instante congelado no meio do percurso, que por alguma razão me chamou a atenção. É a minha visão gerada a partir da fala do outro. As imagens as vezes se repetem em alguns livros, nunca da mesma maneira, pois as histórias não são contadas da mesma maneira (fotos 18 e 19). Porém em certos momentos certas ideias me lembravam ideias anteriores, e sentia que deveria voltar a representá-las de maneira similar.

- No meio desse processo surgiu a vontade de representar alguns elementos (quase todos eles elementos da natureza) através de símbolos (digo símbolos mais do que ícones, pois algumas vezes eles se modificam conforme a intenção). Assim como as imagens, os símbolos voltam a aparecer, mas nunca da mesma maneira.
- Abaixo os identifico um a um.

~~~~~ MAR

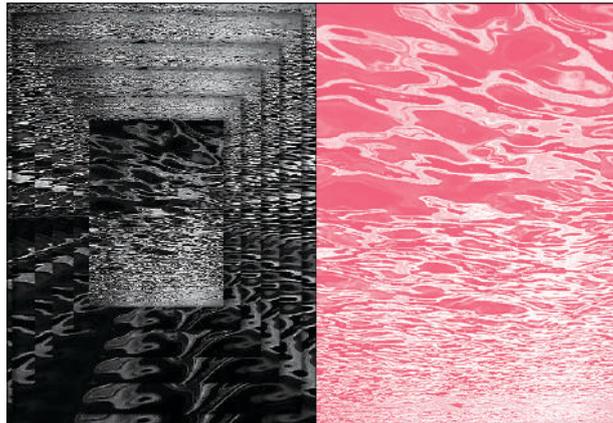
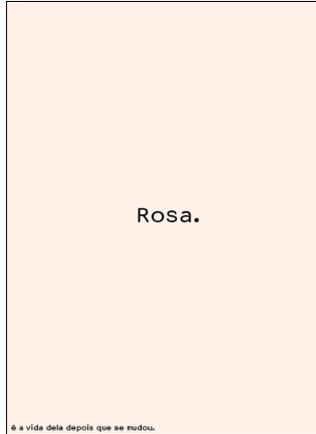
▲▲ MONTANHAS

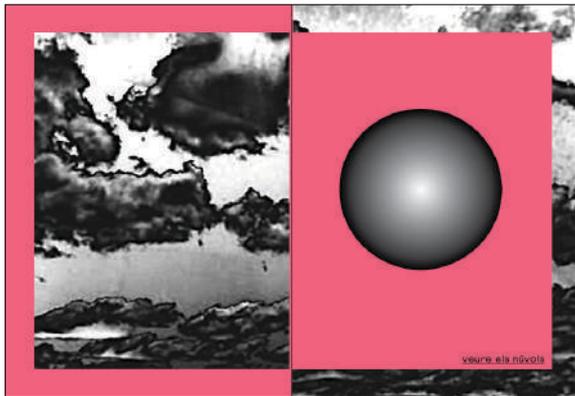
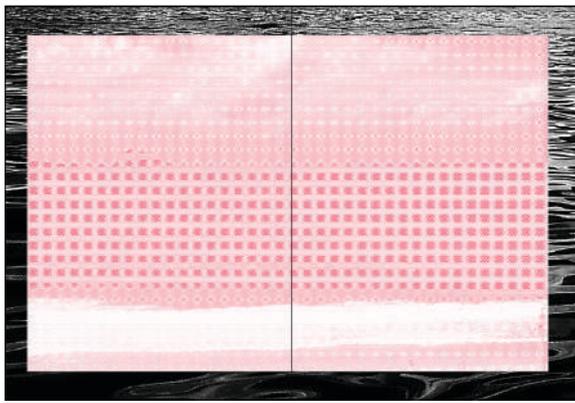
● SOL

▼ CERVEJA



—  
SPREADS

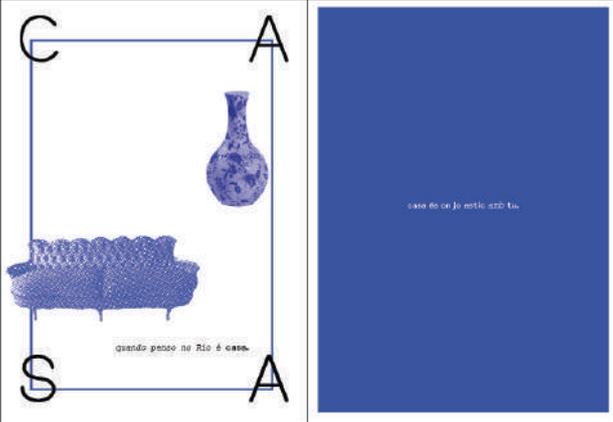
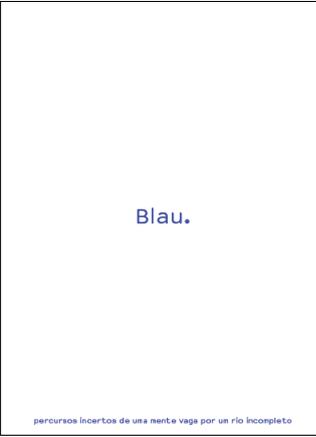


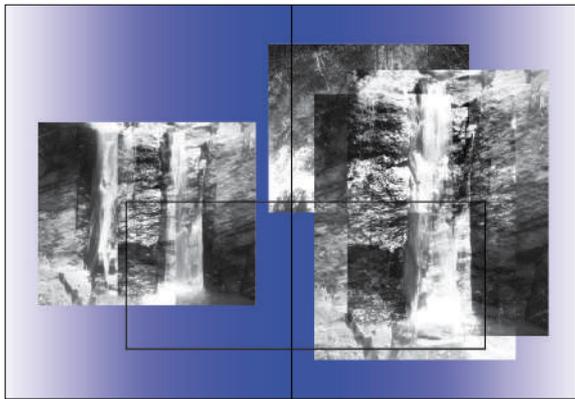


«Ella és una noia amb una gran sensibilitat i una gran capacitat d'empatia. És una persona que sempre està preocupada pel benestar dels altres i que busca sempre la manera de ajudar-los. És una persona que sempre està treballant per millorar el món i que sempre està buscant la manera de fer que la vida sigui més fàcil i més agradable per a tots. És una persona que sempre està treballant per aconseguir els seus objectius i que sempre està buscant la manera de fer que la vida sigui més fàcil i més agradable per a tots. És una persona que sempre està treballant per aconseguir els seus objectius i que sempre està buscant la manera de fer que la vida sigui més fàcil i més agradable per a tots.»

«Ella és una noia amb una gran sensibilitat i una gran capacitat d'empatia. És una persona que sempre està preocupada pel benestar dels altres i que busca sempre la manera de ajudar-los. És una persona que sempre està treballant per millorar el món i que sempre està buscant la manera de fer que la vida sigui més fàcil i més agradable per a tots. És una persona que sempre està treballant per aconseguir els seus objectius i que sempre està buscant la manera de fer que la vida sigui més fàcil i més agradable per a tots.»

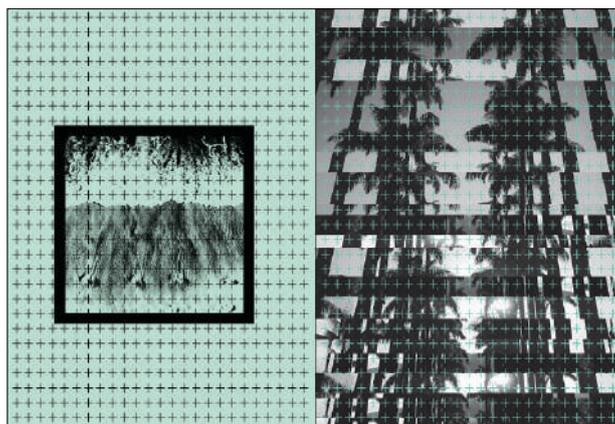
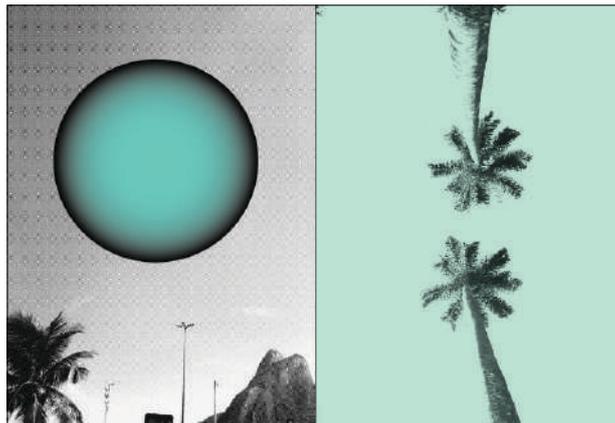
—  
SPREADS

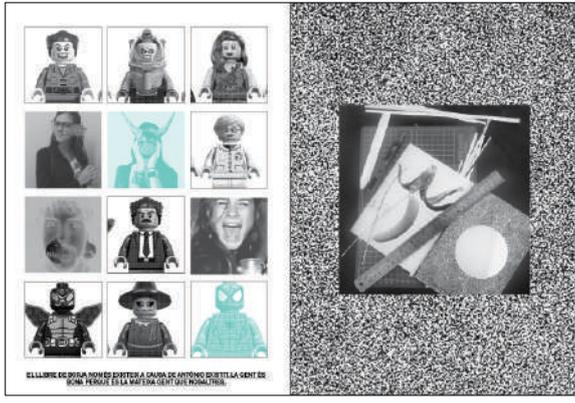
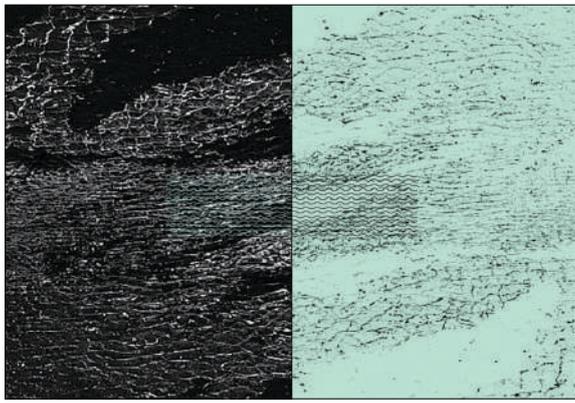




---

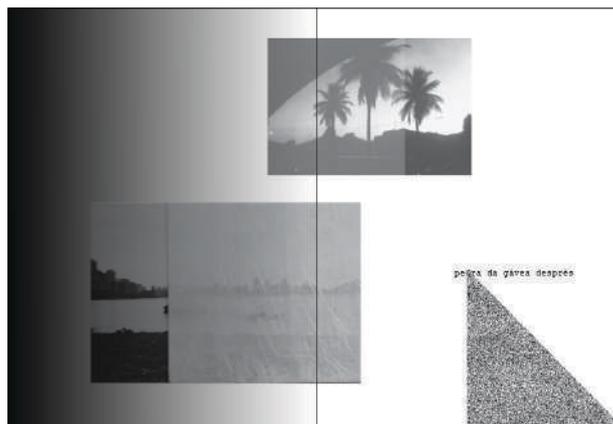
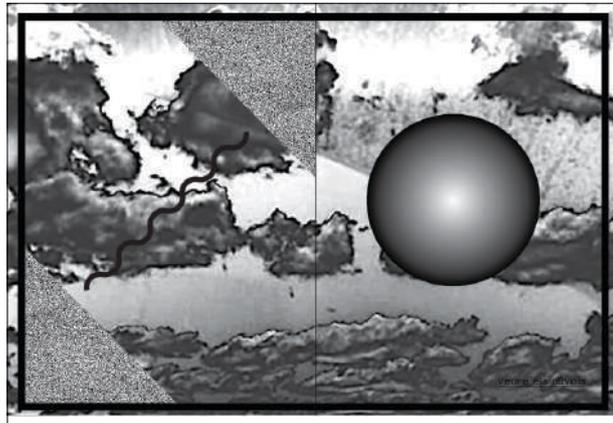
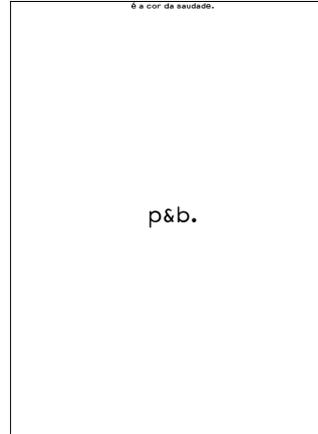
## SPREADS





---

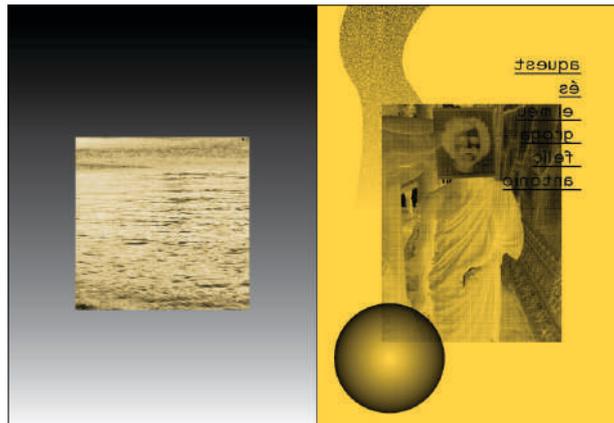
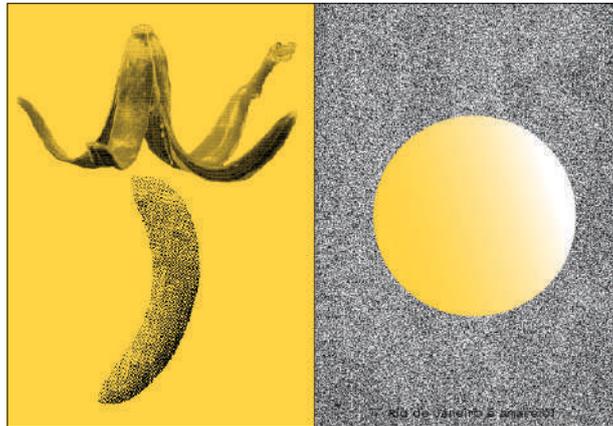
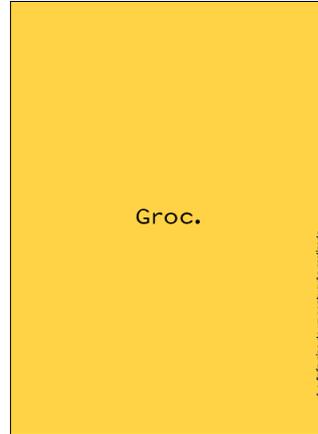
# SPREADS

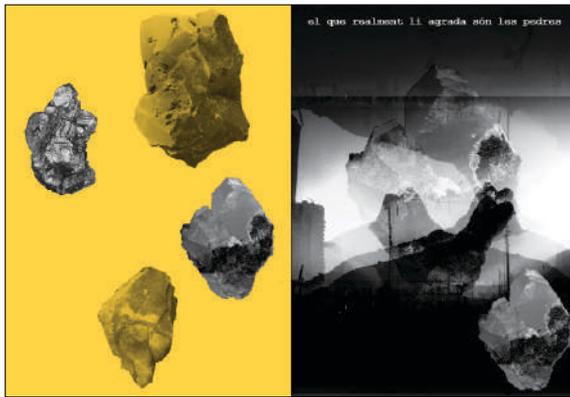
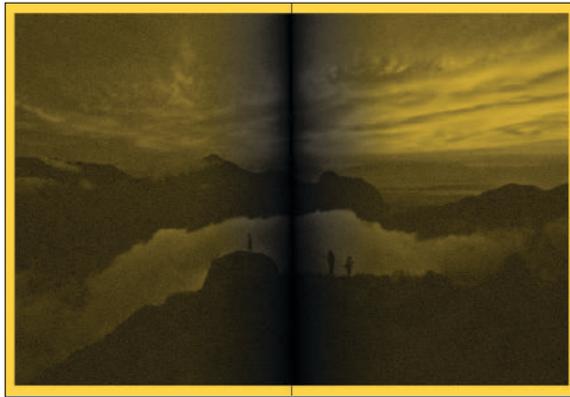
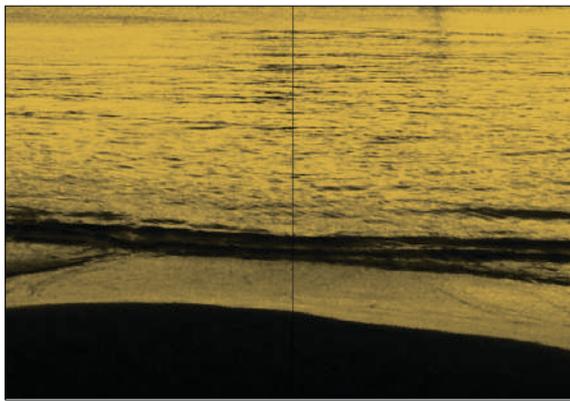




---

# SPREADS





Quan vaig començar a surfar, el mar estava molt tranquil i jo era un nen. Però amb el temps va canviant i ara surfar és una altra història. Quan començava a surfar, jo era un nen i jo surfava amb els meus amics. Però amb el temps va canviant i ara surfar és una altra història. Quan començava a surfar, jo era un nen i jo surfava amb els meus amics. Però amb el temps va canviant i ara surfar és una altra història.

---

## SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO



Foto 20\_ Chegada em São Paulo. Estação Mal. Deodoro

Gostaria de dedicar esse último capítulo para falar a respeito do processo de produção dos zines. Desde o momento em que optei pela impressão em Riso, decidi que acompanharia o processo de perto, mesmo que este se desse em São Paulo. Sempre tive muito prazer em trabalhar com produção gráfica, minha primeira opção de curso em Barcelona era uma pós graduação em produção gráfica, porém esta foi cancelada. Acompanhar a produção do meu último projeto na ESDI para mim era uma premissa irrefutável.

- O processo todo foi muito intenso, porém imensamente prazeroso.
- Fui a São Paulo pela primeira vez na semana do dia 10 de novembro. Só teria dois dias para estar na cidade e tivemos uma série de problemas com o fechamento dos arquivos, assim acabei voltando para o Rio de Janeiro somente com uma prova em offset digital do que viria a ser o meu livro. A decepção foi grande pois estava muito ansiosa para acompanhar o processo, não queria receber o projeto em um envelope de Sedex. Decidi então voltar à São Paulo e ali estive por uma semana, até que o projeto estivesse finalizado (foto 20).
- Falando do processo em si. O volume mínimo de impressão permitido pela gráfica é 30 unidades. Ainda assim, saia mais em conta do que imprimir cinco unidades em impressora laser comum, por exemplo. Mas o que fazer com essas 30 unidades? É uma opção realmente muito barata. Conversando com o produtor da feira de publicações independentes Pão de Forma, acordamos que eu poderia vendê-los na feira, o que para mim será muito bom, pois se vendo todos já arco com os custos do projeto. Pelo que pude calcular a perda de papel é de aproximadamente 15% da produção.
- A gráfica não fornece o papel, o que para mim foi o ideal porque eu queria trabalhar com papéis variados, o que normalmente não é permitido nas gráficas comuns.



Foto 21 \_ Tambores de Cor



Foto 22 \_ Erros do processo



Foto 23 \_ Sobreposições

—Quanto as cores, ao chegar lá, tive a surpresa de saber que o verde que eu havia escolhido para um dos zines estava esgotado, só havia um outro que não daria o efeito pretendido (Foto 21). O que poderia ser um problema, entendo como parte do projeto. Ao longo de todo esse período aprendi a entender que, principalmente nesse caso, o importante é o processo, o resultado é só uma parte dele.

—Na Riso, o interesse está justamente em explorar os recursos causados pelos "erros". As falhas de registro da máquina, as diferenças entre os pontos de retícula e as falhas de impressão nas bordas do papel acabaram se tornando um novo recurso gráfico, que antes não havia pensado utilizar (Foto 22).

—Percebi também que nesse tipo de impressão as linhas de contorno saem bem definidas, porém as chapadas geralmente saem borradas.

—Claro que é necessário fazer uma crítica às questões que poderiam ter sido melhores. Como disse, era a primeira vez que estava imprimindo em Riso, e observando o processo de impressão vi que haviam recursos que poderiam ter sido melhor aproveitados por mim. Por exemplo, a sobreposição de cores gera resultados super interessantes e quase não utilizei esse recurso (Foto 23). Percebi também que o papel Pólen funciona melhor que o papel branco, pois absorve melhor a tinta.

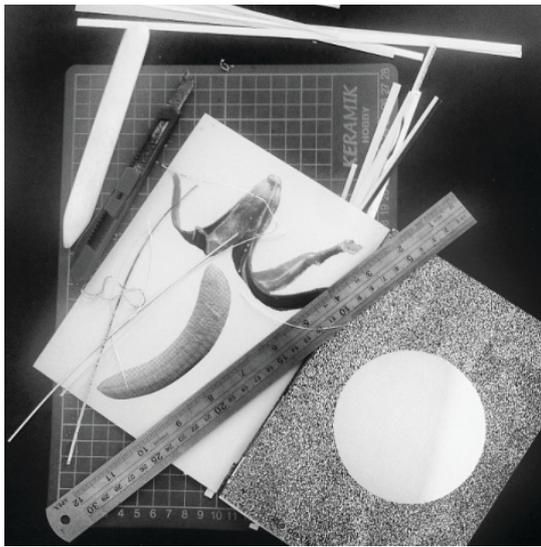
—De todos os modos, o mais importante para mim foi a aprendizagem tirada de todo esse processo. Tenho certeza que foi uma experiência extremamente enriquecedora e que me ajudará muito em projetos futuros.



*A gatinha Paulista me acompanhou*



*Ida à Cruz a procura de papel*



*Refilando o Zine*



*Papelaria Universitaria\_ São Paulo. Oferta infinitamente maior*



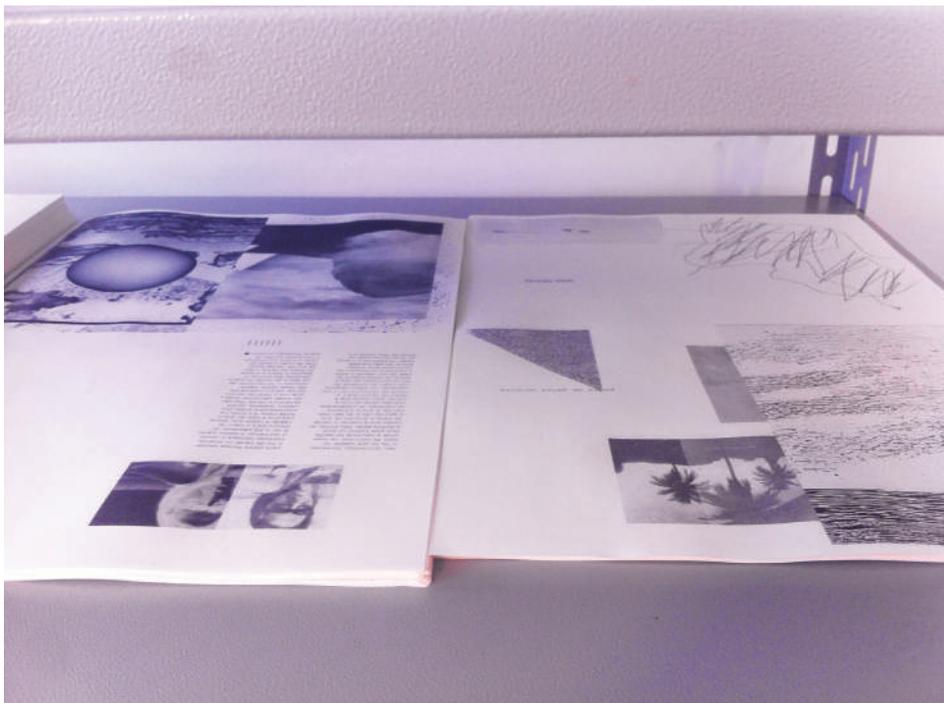
*Material para costura*



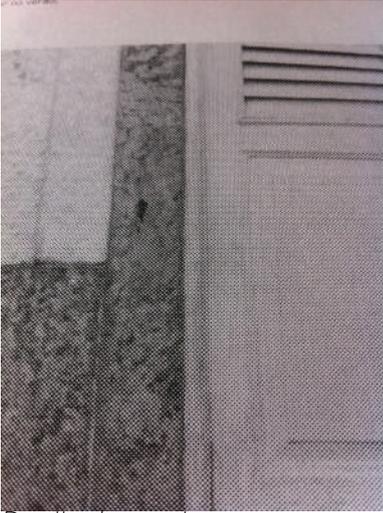
*Alta velocidade de impressão*



*A máquina*



*Detalhe da secagem*



*Detalhe da retícula*



*Impressão do preto*



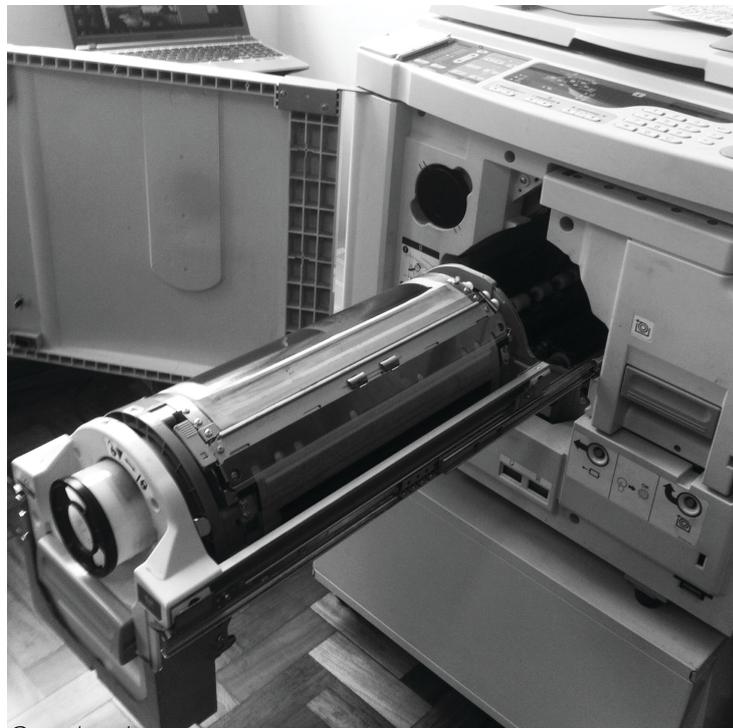
*A várias folhas A3secando*



*Duas cores*



Secagem - 2 cores



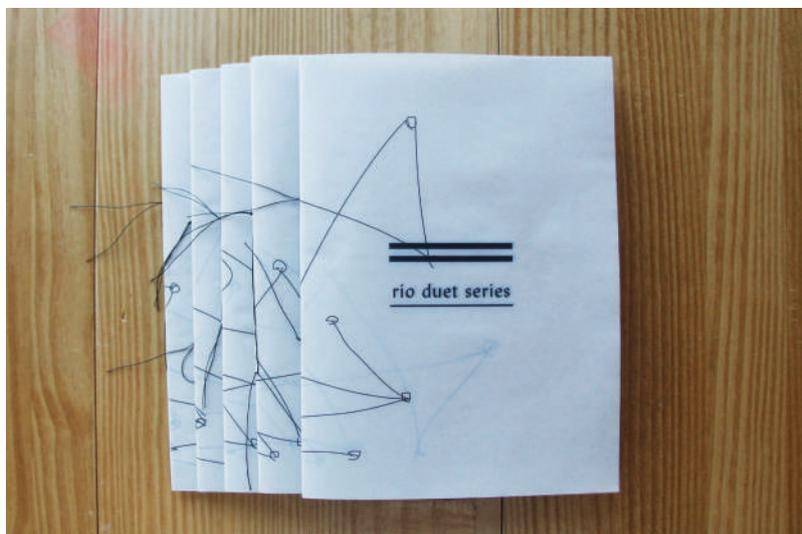
O tambor da máquina

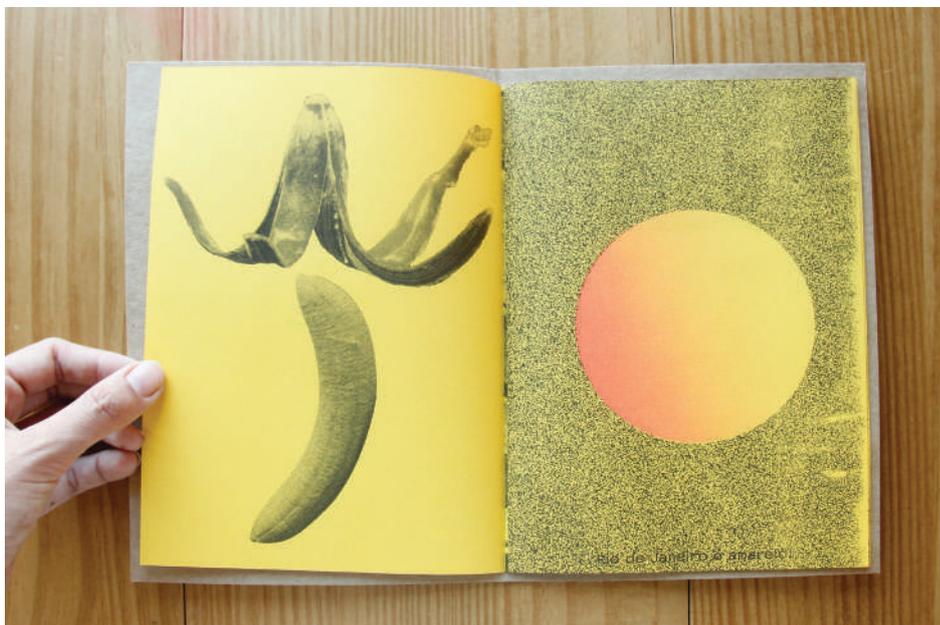
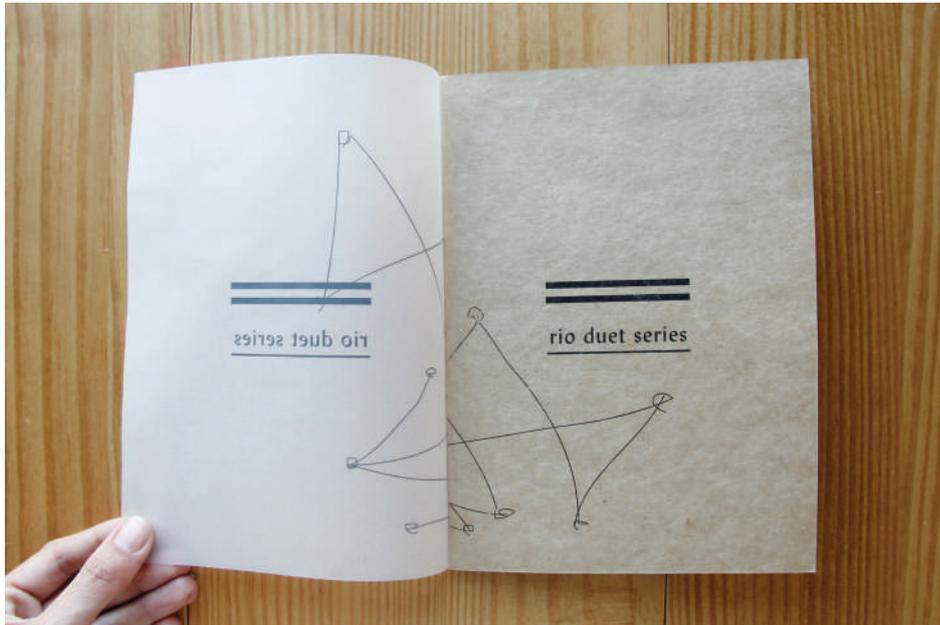


Cortando e costurando as capas

---

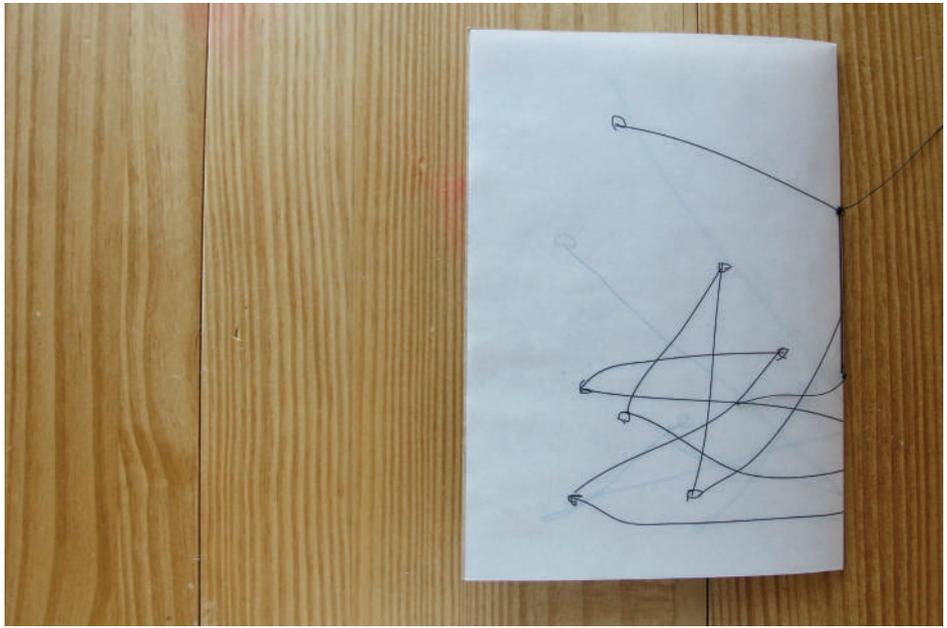
## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

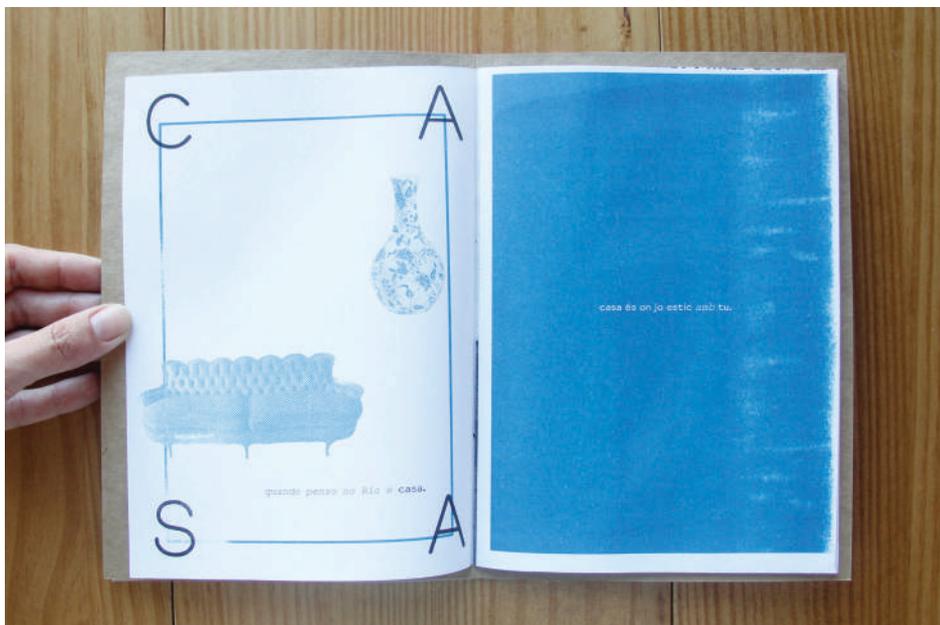
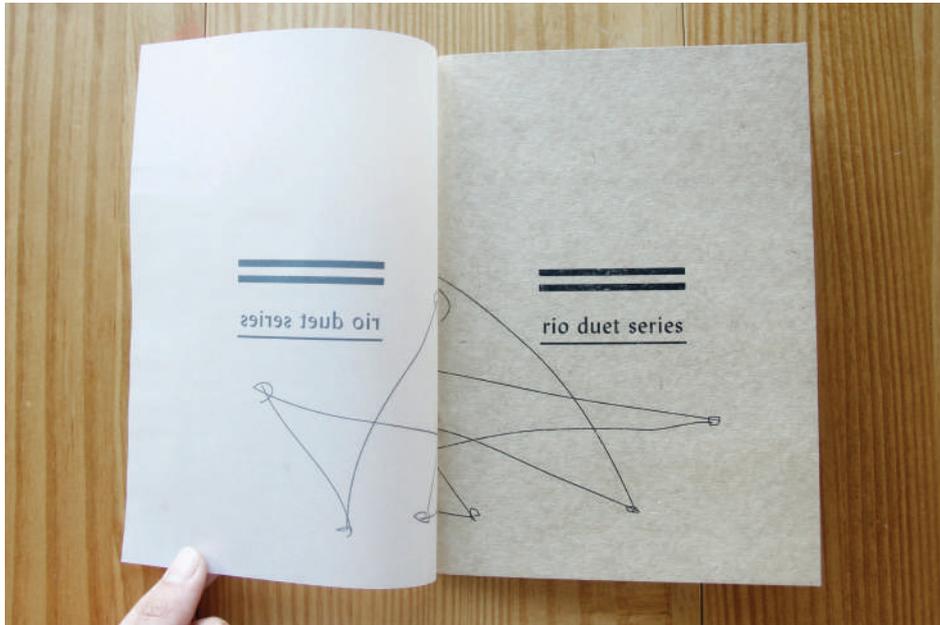


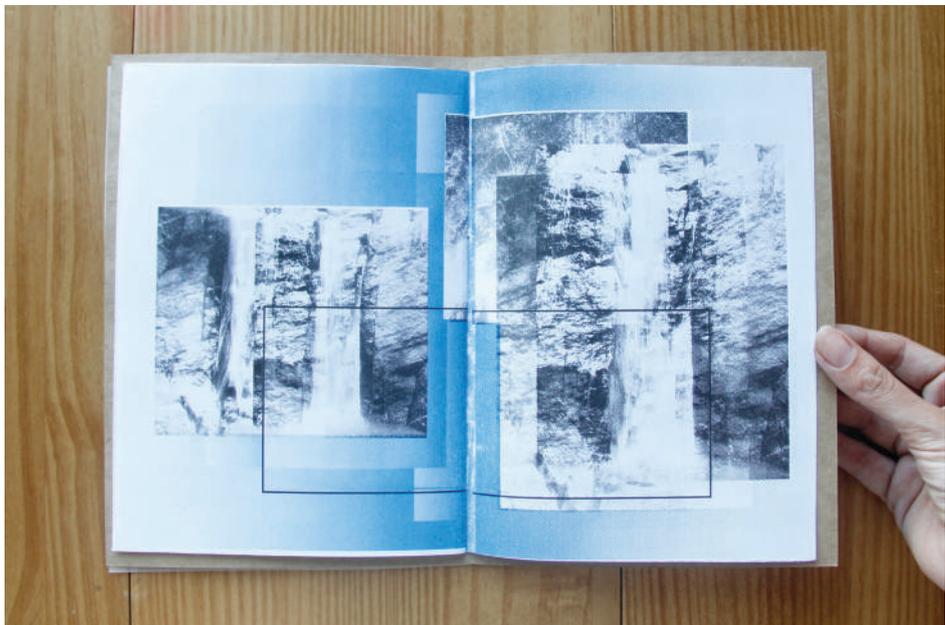




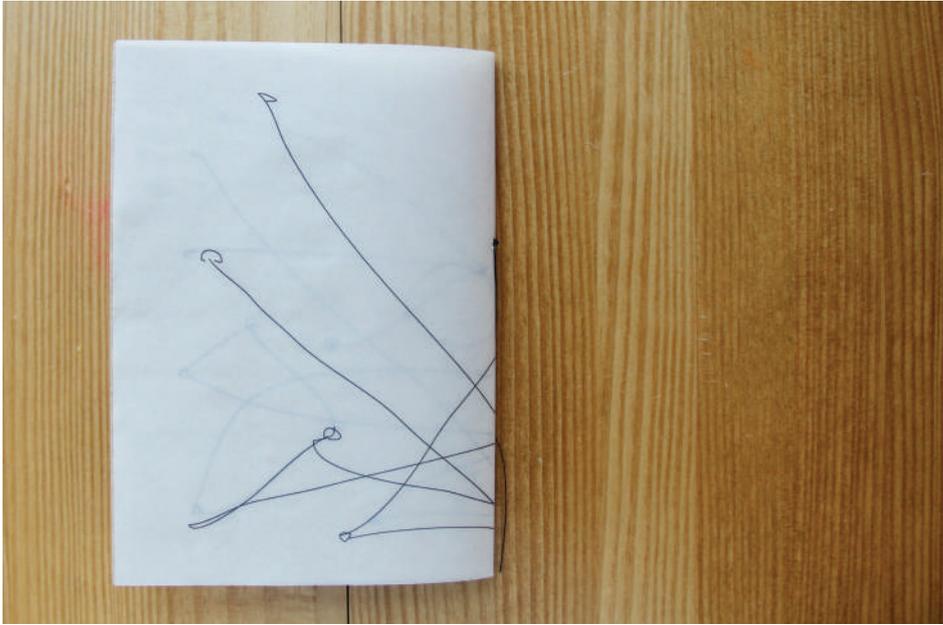


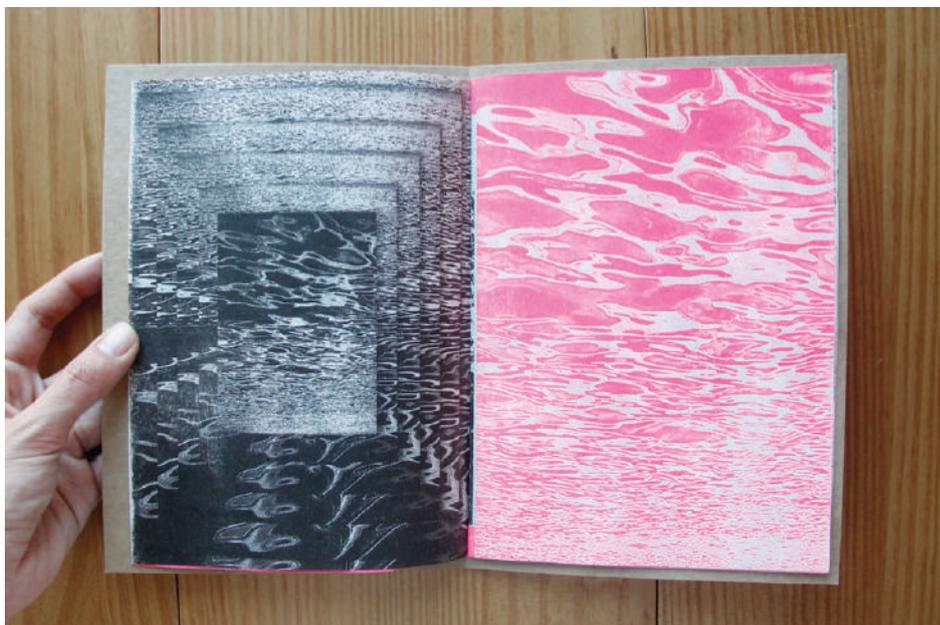


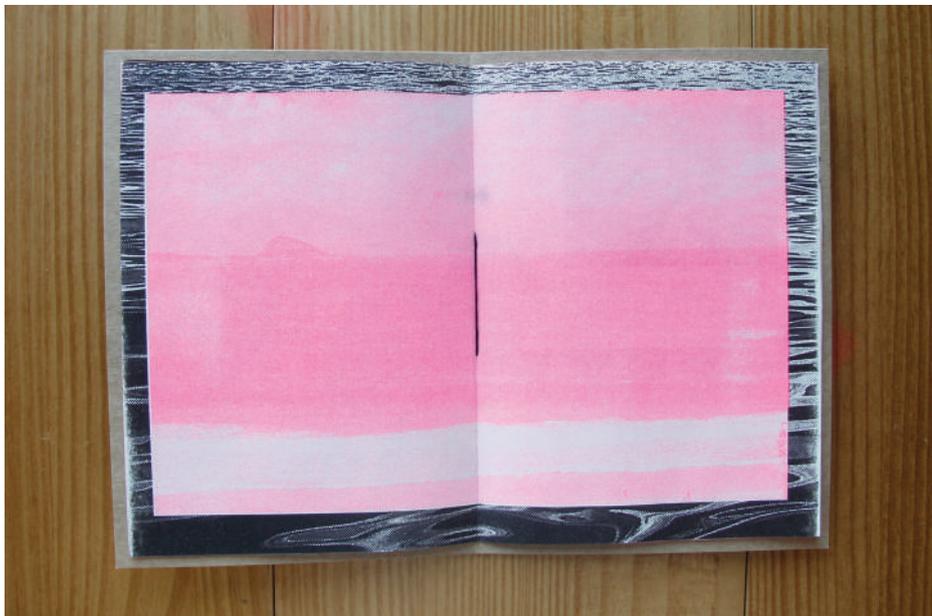


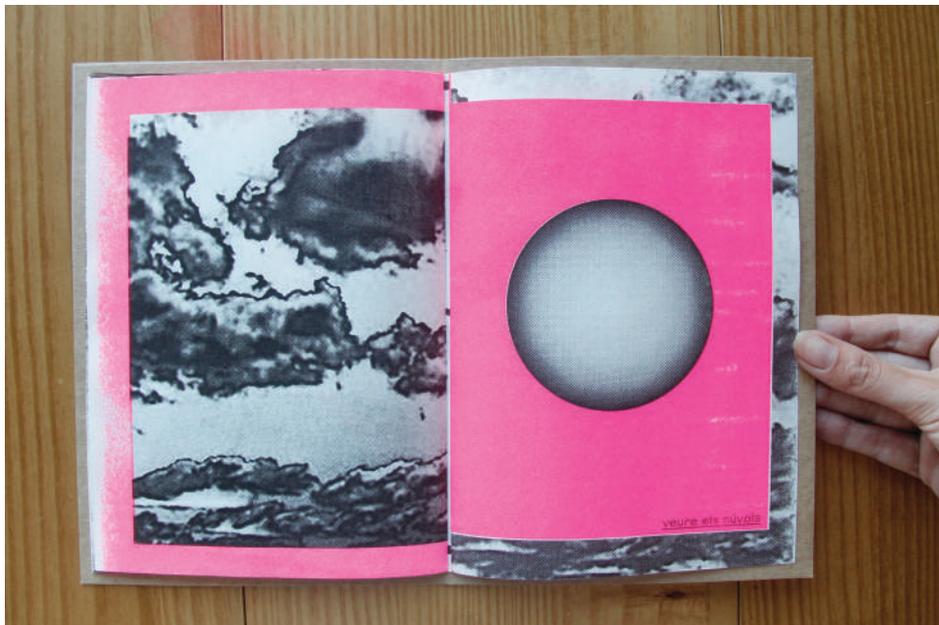


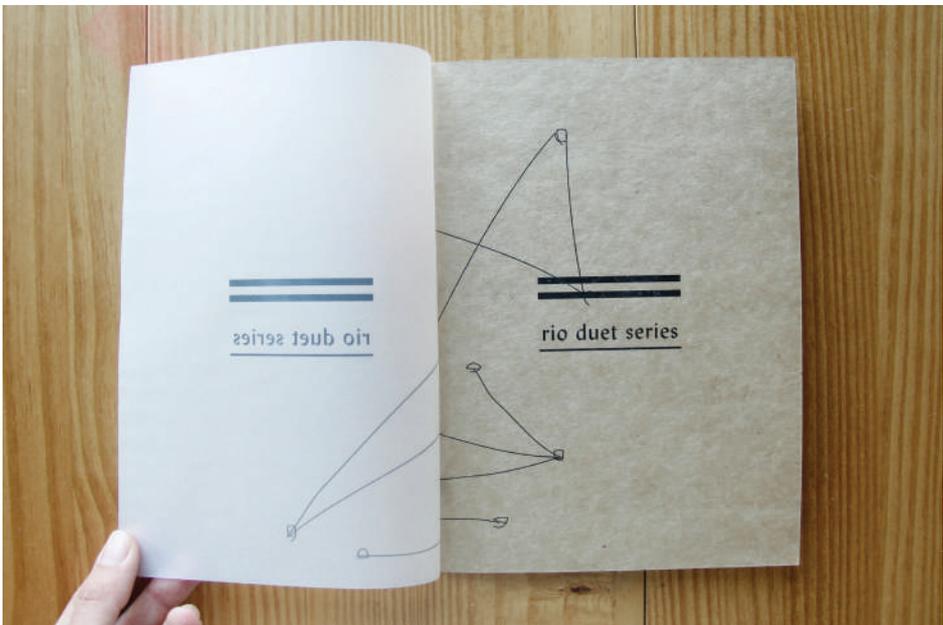
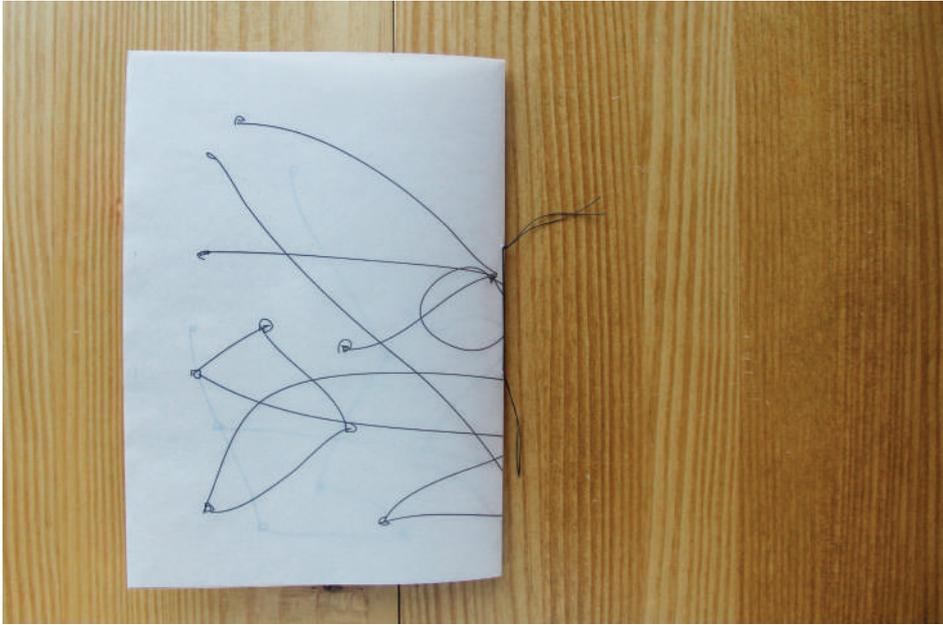


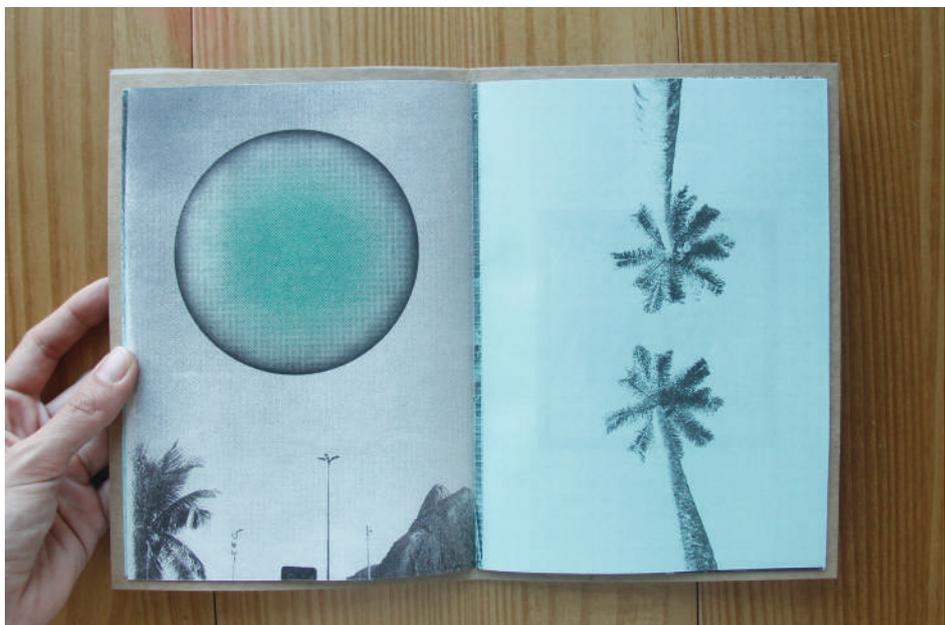


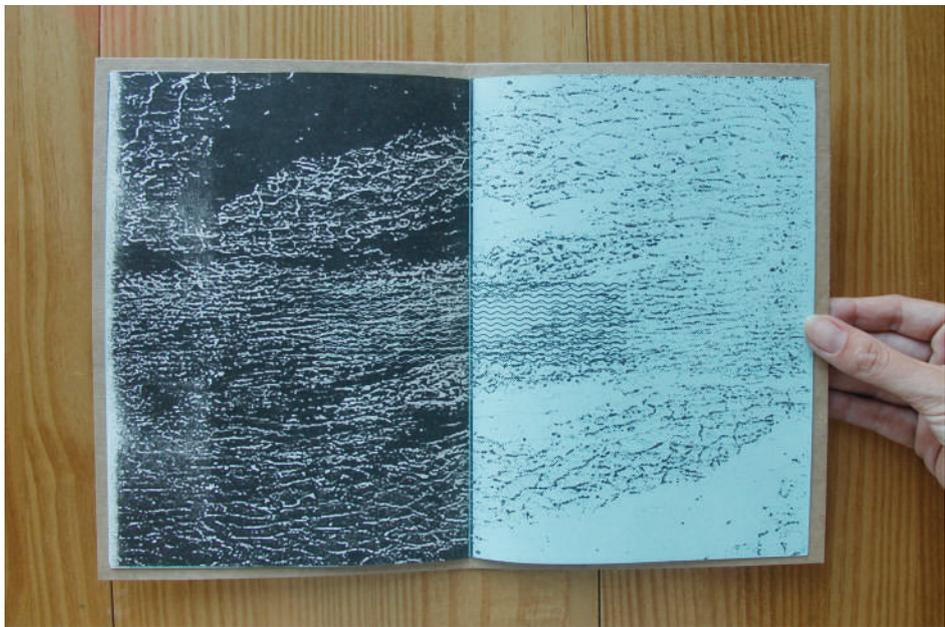
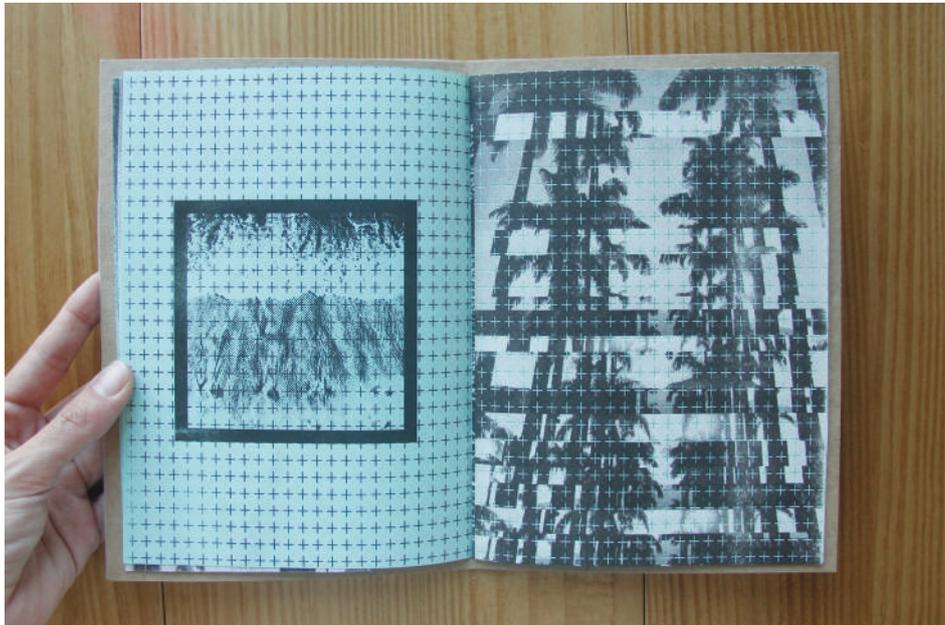




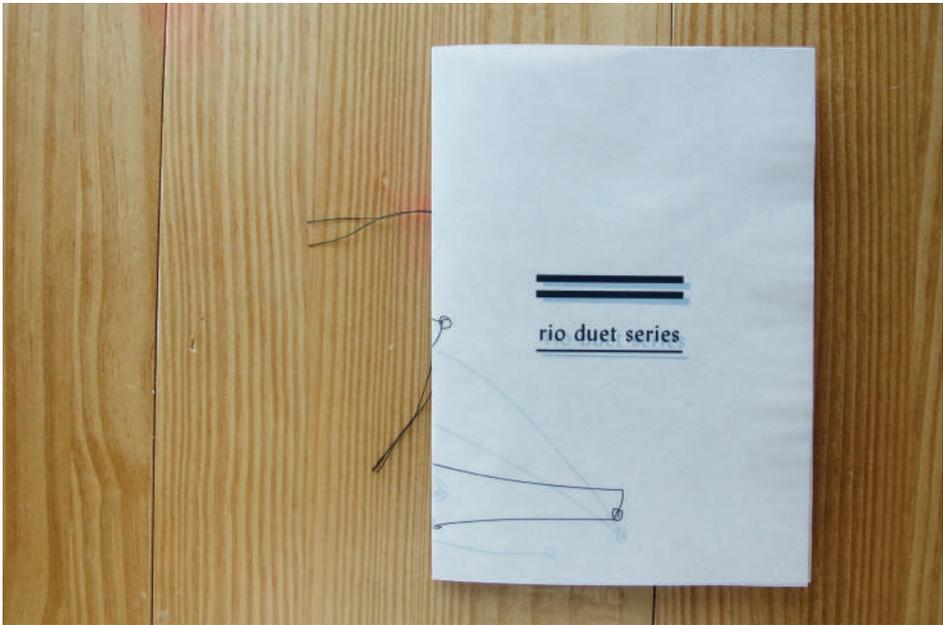
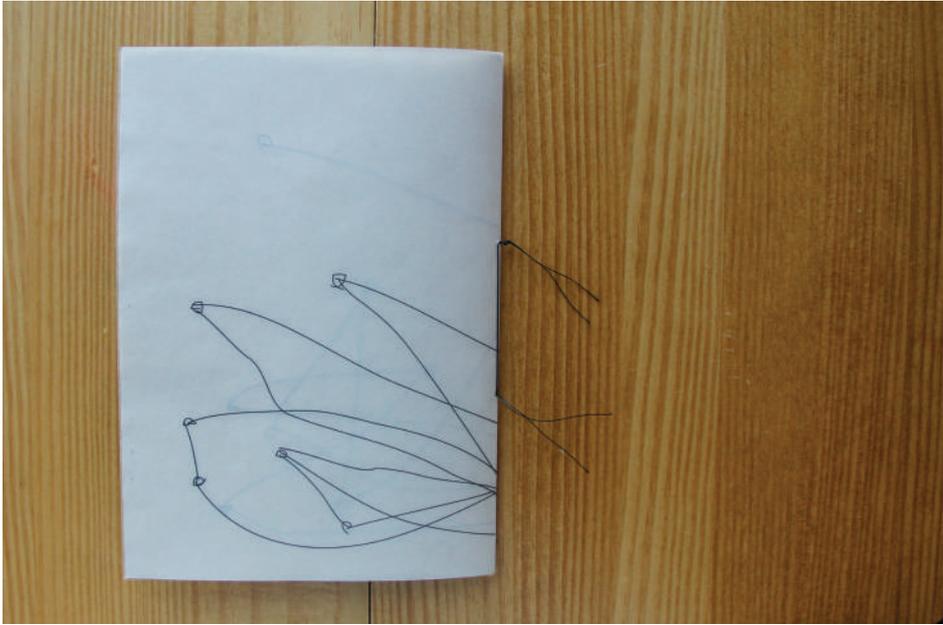


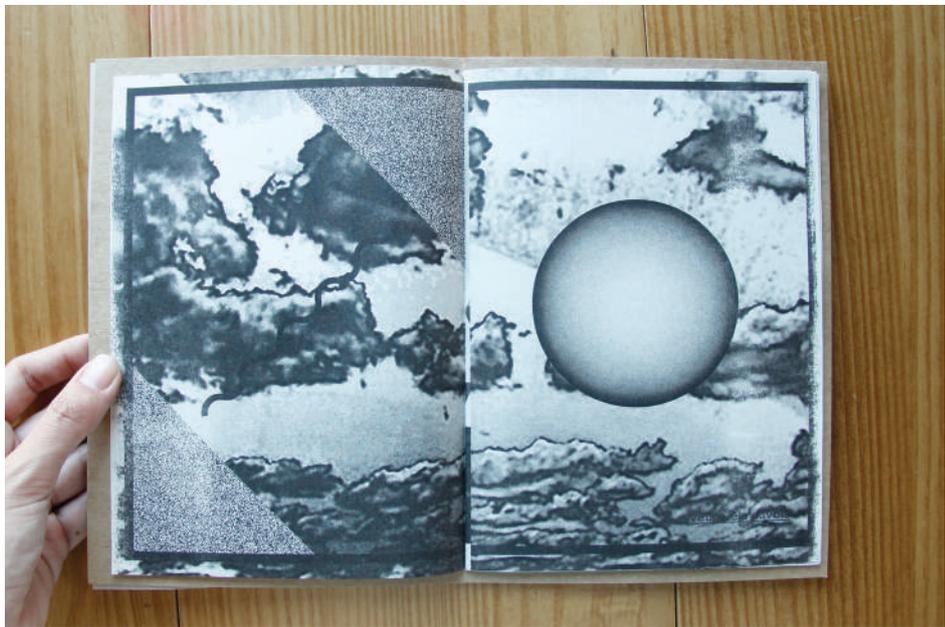


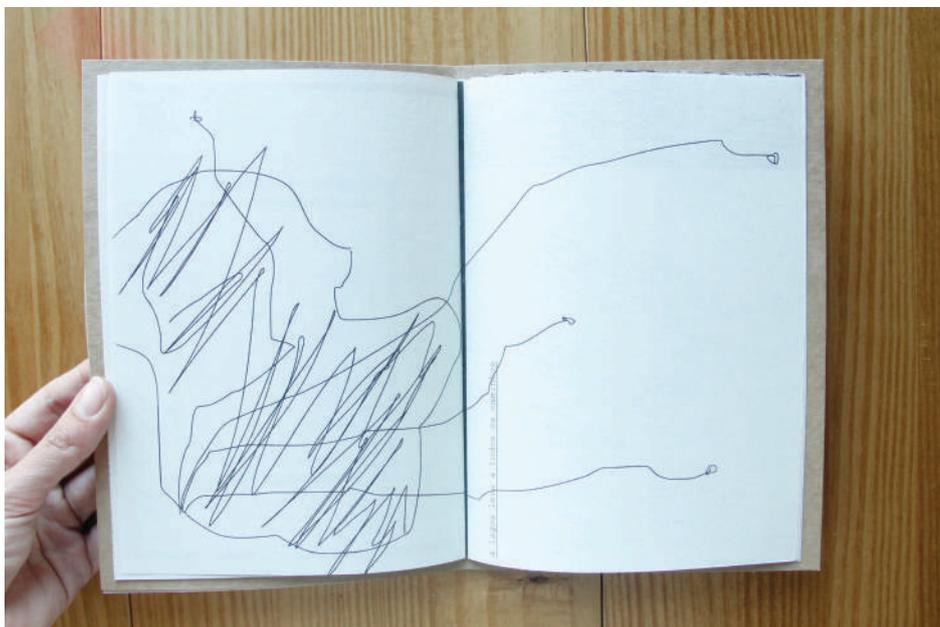


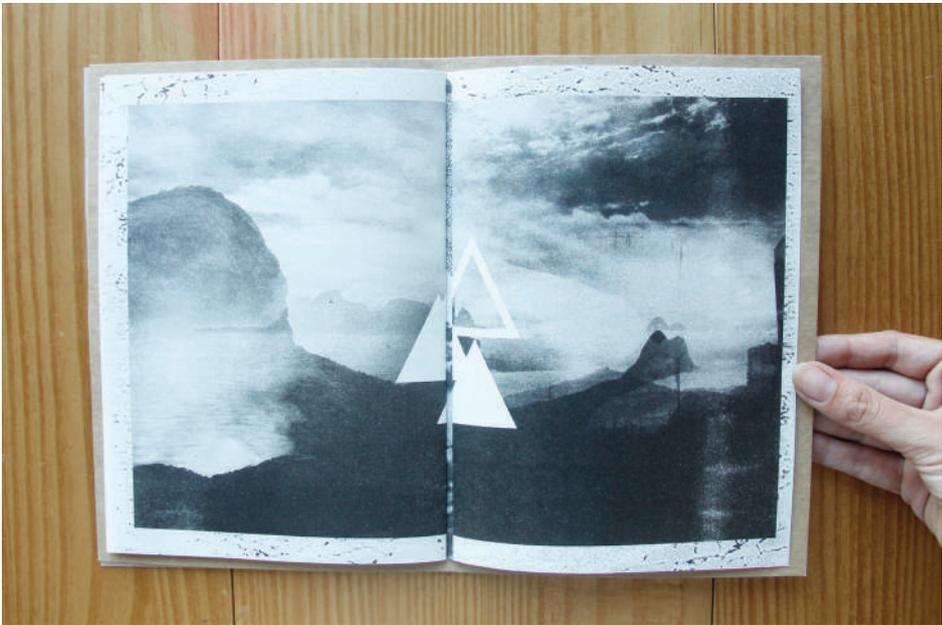
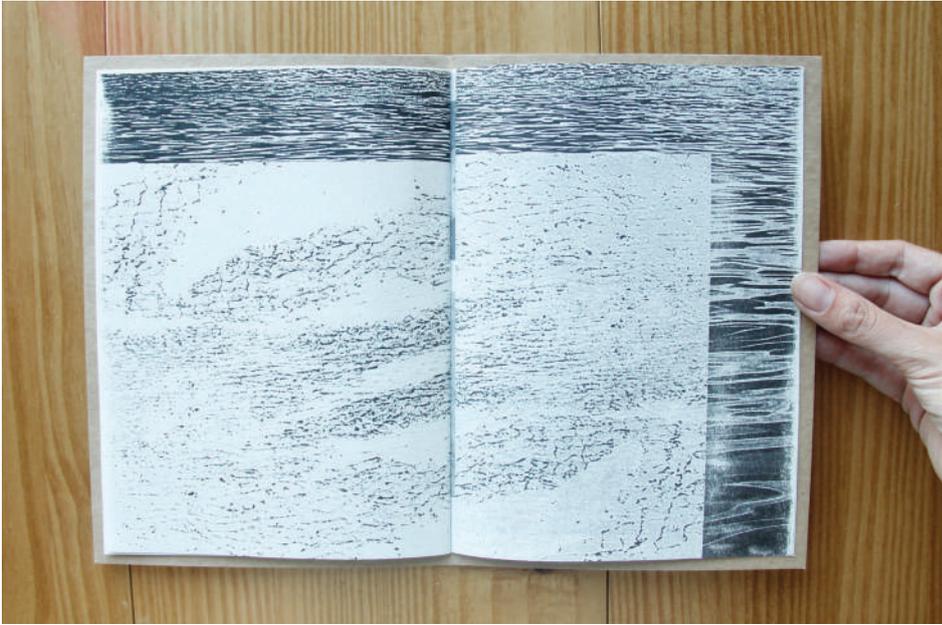


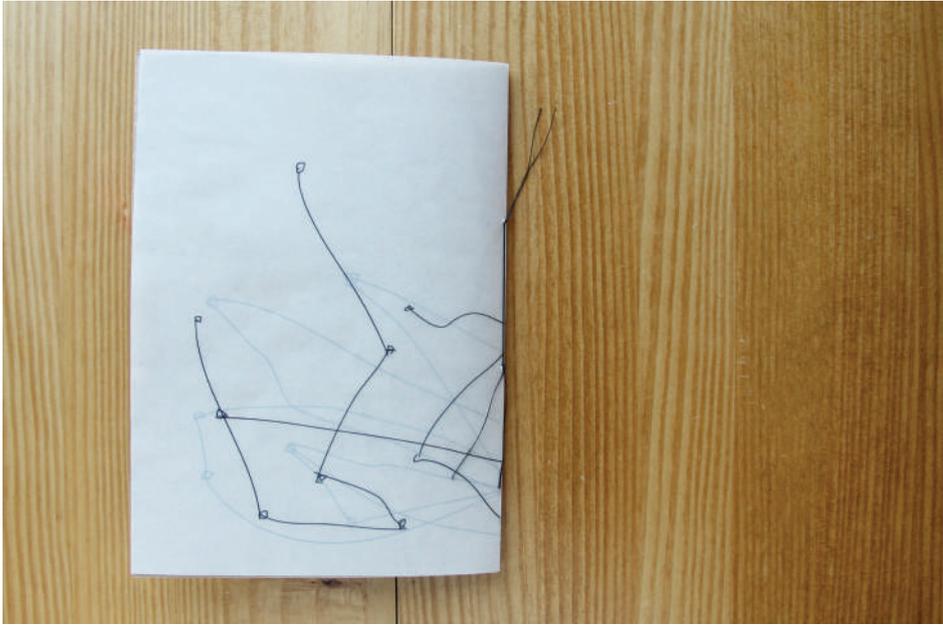












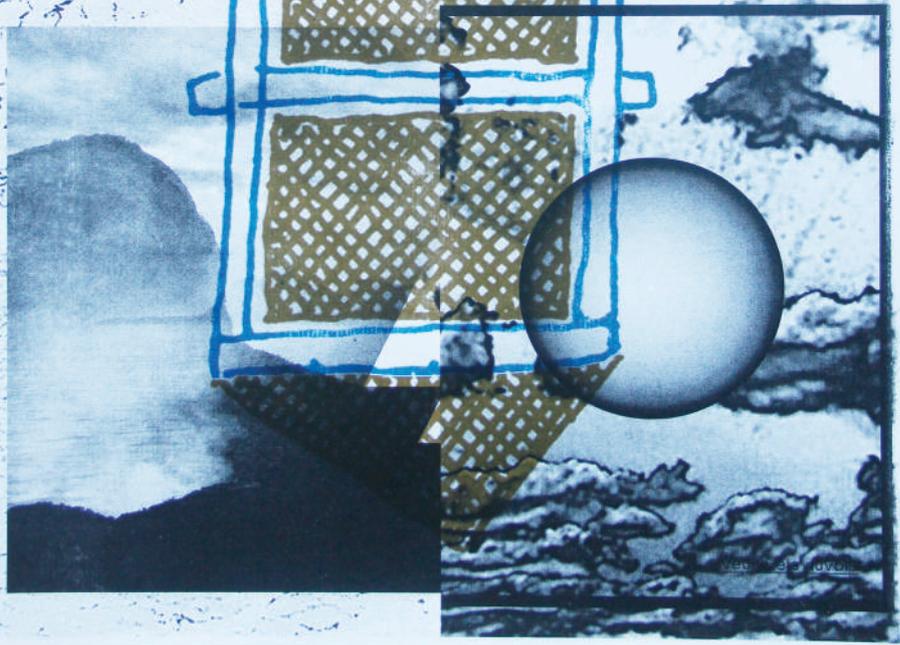
é a cor da saudade.



Mar, montanhas, florestas,  
o rio em uma cidade no  
meio da natureza, um lugar  
onde a natureza se despoja,  
seja pela beleza ou pela  
grandiosidade. São muitas as  
cores que a coroa, o verde  
da mata, o amarelo do sol,  
o azul do céu e do mar, mas  
não são. O preto e branco  
do caçador de copaliteiros.  
Acordar ainda escuro e  
correr pela lama até a  
Pedra da Gávea. Rubir a  
Pedra da Gávea pra ver o sol  
nascente, não confundam-se  
com todas as simetrias do  
Rio evidenciadas em negro  
sobre um fundo branco do  
falar do sol. Depois ir para  
a cachoeira na floresta da  
Tijúca para lavar a areia.  
Descer em São Conrado,  
pegar um Râmú lip e ir para  
se ilhas Tijúcas andar de  
funda de ilha, voltar e ir

para Santa Teresinha chegar  
a Pôr do Sol de São Conrado,  
tomando cachê e apanhando  
o sol da tarde. A noite é curta  
e ver o dia se escurando  
escuro para o céu.  
Lagoa, a lagoa, a lagoa,  
depois é mais o sol  
embaixo, é o sol que  
expressa para o céu.  
Lagoa, o lago, a lagoa,  
depois é mais o sol  
embaixo, é o sol que  
expressa para o céu.  
Lagoa, o lago, a lagoa,  
depois é mais o sol  
embaixo, é o sol que  
expressa para o céu.

p&b.



Erros / Experimentações



*Erros / Experimentações*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASSAKIS, Zoy. Primeira impressão. Rio de Janeiro, 1999. Trabalho de conclusão de curso (Desenho Industrial). ESDI / UERJ

AYMAR, Marí Carmen. Barcelona CMYK, escenografías Urbanas. Estudi 6, 2011

BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem Editora 34, 1915-1921

BOLO, Coletivo artístico. Stars are indispensable. 2011

BACKER, Phil. Cidade Secreta: Psicogeografia e Devastação de Londres, 1993

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MIKOLEIT, Anne; PURCKHAUER, Moritz. Urban Code: 100 Lessons for Understanding the City. Department Of Architecture ETH Zurich, 2011

NETO, Afonso Henriques. Cidade vertigem. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

NETTO, Scipioni de Pierro. Matemática, conceitos e histórias. Scipioni, 1993

SANTOS, Claudécir dos. Walter Benjamin e Giorgio Agamben: Uma análise das implicações políticas da linguagem. UNISINOS,

TEOBALDO, Isabela Naves Coelho. A cidade espetáculo: efeito da globalização. Universidade do Porto, 2005

**Filmes:**

ALLEN, Woody. Meia Noite em Paris. Sony Pictures Classics, 2011

DEBORD, Guy. A Crítica da Separação. Filme, 1961

**Sites:**

**Iconoclastas:** [www.iconoclastas.net](http://www.iconoclastas.net)

**Cristian Nold:** [www.christiannold.com](http://www.christiannold.com)

**Wikipédia:** [www.wikipedia.com.br](http://www.wikipedia.com.br)

---

## ANEXOS

### questionário de perguntas:

1. O que primeiro lhe vem à mente, o que simboliza a palavra Rio pra você? Como você o descreveria, fisicamente falando?
2. Descreva-me brevemente o seu trajeto preferido por essa cidade. Pode ser algum trajeto que na prática seja impossível de ser feito em um dia devido às distâncias, etc. Mas seria seu caminho preferido. Inclua os lugares pelos quais você mais gosta de passear, aqueles que você só passa em frente, mas sempre repara.
3. Qual a melhor parte desse trajeto?
4. Quais os elementos (podem ser monumentos, estabelecimentos, prédios, vias, meios de transporte, pessoas, qualquer elemento da cidade) do Rio que são os que a distingue das demais, os mais fáceis de lembrar quando você se refere ao Rio?
5. Desses elementos que você citou, escolha o seu preferido e o descreva pra mim. O que ele representa pra você que faz com que ele seja seu preferido em toda a cidade?

## Beatriz Abreu, Paulista. A brasileira carioca

### relatos dos cinco personagens

O Rio é Mar e montanha. Com uma cidade encravada no meio... meio apertadinha e muuuito menor que o mar e a montanha em volta. Por isso não parece grande... pq fica pequenina perto deles... O meu passeio predileto é sair com a minha bike rosinha da Gávea e ir pela orla até o MAM, observando o mar. O que eu gosto é ir observando as ondas, e o vento gerando mil texturas no mar, e como isso vai variando. Chegando, admirar as linhas do Mam, voltando, Arpoador... adoro parar ali... quando está vazio para mergulhar. Quiosque palaphita... nem gosto de ir lá mas sempre reparo... Também adoro ir até o parque da cidade aqui no alto da gávea passando pelo IMS na volta para ver as exposições ou só tomar um café no jardim. A melhor parte de tudo isso é voltar no fim de tarde olhando para o dois irmãos rosado... :) Outra coisa que pra mim é o melhor do Rio é a vista da minha casa, o espaço amplo e aberto no Rio é incrível! Boteco na rua. Gente na rua. Cariocas em pé na rua tomando cerveja. Onde tem uma cerveja, o carioca se aglomera em pé (coisa difícil para um paulista entender) e fica de papo... Um BG jamais existiria em sp... Árvores frondosas com cara de floresta... são um lembrete a cada esquina que a cidade é um detalhe encravado na floresta... Os micos e macacosprego são outro lembrete disso... Quando sobrevôo o Rio ou faço uma caminhada para um lugar alto para ver a vista, sempre fico chocada como a zona sul é pequena perto das áreas ocupadas pela lagoa + mar + floresta. Academia da Cachaça. Acho que o meu preferido da cidade é o espaço aberto, as vistas que não são comuns numa cidade grande. O Rio é uma cidade com horizonte. Uma cidade imensa com muito espaço para respirar... parar e simplesmente olhar a vista, observar as nuvens, ver o sol entrar e sair

## **Borja Pablo, Basco. O carioca gringo**

La primera cosa que me viene la cabeza cuando pienso en RIO es la playa y el verde. Simboliza un tipo de vida mas divertido y saludable. Una ciudad con mucho dinamismo, mucha gente diferente y un aroma a buen rollo. Si pudiera hacer una ruta fantástica, seria pasear en bici por las tres playas principales, seguir luego hacia el jardín botánico y perderme por los verdes jardines de allí, luego hacer la ruta por el bosque hasta el cristo de corcovado y de ahí al las montañitas de dos hermanos (las que fui con Jorge). Pasar por delante del jardín botánico me gusta por las palmeras tan altas y alineadas que tienen, el cristo y la montaña de dos hermanos es por las vistas tan espectaculares de la ciudad. Y las playas sin duda por que representan a la perfección el espíritu de la ciudad!

Diria que la mejor parte de todo eso seria las vistas y la tranquilidad de la montaña de dos hermanos, por que te puedes sentar a contemplar todo el verde de la ciudad saliendo por completo del ruido, el agetreo, el trafico y la gente. Es un sitio especial donde poder contemplar la ciudad sin el estrés de un sitio turístico. La gente, para mi, es el corazón de la ciudad hay muchísima gente de todos las clases sociales conviviendo en un espacio muy reducido y próximo. Además los cariocas tiene una forma muy alegre y divertida de ser. Creo que los elementos mas característicos de Rio son la gente y la playa. Pero también me quedaría con la forma que tiene la ciudad, que esta dentro de una selva y en una zona con unas montañas muy características. Creo que el entorno físico de la ciudad es el elemento que hace de Rio una ciudad tan especial y diferente del resto!

Pero si tengo que elegir entre la gente y la ciudad, me quedo con la gente sin dudad, la mayoría tiene un caracter muy sociable y de buen rollo. Parece como si todo el mundo conviviera contento y alegre, eso hace

que la ciudad tenga mas encanto y carisma. No es lo mismo relacionarse o conocer una persona seria y seca (como los alemanes) que una persona alegre y dinamica que transmite posibilidad. Por eso el CARACTER de la gente es lo mejor de Rio.

## **Isadora Ganem, Carioca que vive em Lisboa. A carioca estrangeira**

Mar, montanhas, florestas. o rio eh uma cidade no meio da natureza. um lugar onde a natureza se impõe, seja pela beleza ou pela grandiosidade. São muitas as cores que a colore. O verde da mata, o amarelo do sol, o azul do céu e do mar, mas nao só. O preto e branco do calçadão de copacabana.

Acordar ainda escuro e correr pela Lagoa até a Pedra da Gávea. Subir a Pedra da Gávea pra ver o sol nascendo num claro-oscuro com todas as silhuetas do Rio evidenciadas em negro sobre um fundo branco do raiar do sol. Depois ir para a cachoeira na Floresta da Tijuca para lavar a alma. Descer em São Conrado, pegar um Stand Up e ir para as Ilhas Tijucas pular da Fenda da Ilha. Voltar e ir para Santa Teresa passar o fim de tarde no Mineiro, tomando cachaça e vendo o sol baixar. A melhor parte é ver o dia passando do escuro para o claro na Lagoa. A Lagoa que, desde pequena é mais do que a minha vista, é a minha via expressa para praia, pro Leblon, Ipanema, Jardim Botânico e Gávea. Mas não só. Poder percorrer toda a orla com o olhar de dentro do mar para o continente. Ver raias, peixe, baleia, pessoas, o sol nascendo de um lado e se pondo no outro. Silhuetas dos morros. O gigante, o Sabio e a Águia da Pedra da Gavea, o mar de morros da Serra por trás de tudo. O Dedo de Deus, o Cristo crucificando o Rio de Janeiro é amarelo! É amarelo como o sol que o banha e amarelo como a casca das bananas que como todos os dias!

## **António Boavida, Português. O estrangeiro Carioca**

Também as pessoas são amarelas na sua maneira de ser, felizes de morarem numa cidade onde até o mar fica amarelo ao final da tarde! Também eu fico amarelo e sem ar quando subo algum dos enormes morros que se erguem por toda a cidade.

Se eu pudesse acordaria todos os dias às três da madrugada e subiria a pedra da gávea para ver o nascer do sol. Depois, desceria de asa delta até à praínha e daí faria um pequeno passeio até ao leblon. Do leblon caminharía pela beira da água até ao final de copa para depois ir até santa teresa passar a tarde. De santa, daría um passinho rápido pelo morro da urca para ver o pôr do sol e desceria pela trilha para acabar a noite a beber uma cerveja sentado na beira da baía.

A melhor parte disso seria sem dúvida ver o nascer do sol na pedra da gávea! É das coisas mais bonitas que já vi na minha vida! O que pra mim caracteriza a cidade são seus morros, surgem de todo o tipo de recantos impossíveis. Outra coisa que me vem à cabeça quando penso no rio é o ritmo frenético a que se deslocam todo o tipo de combis, motos, bicicletas, normais, eléctricas e a motor, triciclos, quadriciclos, skates, longboards, patins, vans, pombos, camelots, transeuntes, fuscas, gambás, tucanos, galinhas, crianças, ratos, urubus, fregata magníficens, crianças, graúdos, turistas, locais e tantas outras coisas que me passam pela frente a uma velocidade alucinante no dia-a-dia.

Voltando aos morros. Para mim são como gigantes adormecidos por toda a cidade. Podemos subi-los, desce-los, fotografá-los, desenhá-los, olhar para eles, rolar por eles abaixo, disfrutar das suas vistas ou aproveitar a sua bela sombra nos dias de calor.

## **Livia Travassos, Carioca. A Carioca**

A primeira coisa que me vem à mente quando penso no Rio é “casa”. Isso significa: intimidade. Mas, fisicamente falando, eu descreveria o Rio como uma cidade dividida. Por um lado é linda, tem uma natureza sem igual misturada com tudo que uma cidade grande tem. Mas não deixo de pensar no abismo profundo entre esse lado do Rio que eu vivo e um outro lado, que não é tão bonito (em termos de natureza), não me é tão íntimo, mas que também é o Rio. De alguma forma, não sinto que eu pertença à cidade como um todo, sinto que pertença à zona sul. Meu trajeto preferido na cidade acho que iria da praia de Ipanema à Glória, dando um pulo na cachoeira do Horto, com destaque para a praia de Botafogo. Impossível, para qualquer ser humano, carioca ou não, passar por ali e não suspirar com a beleza do lugar. É tem que ser no verão. Mas o que distingue o Rio das outras cidades é que é sempre verão. Todo fim de semana tem praia, tem orla lotada do Leme ao Pontal, tem show no Circo Voador... É uma cidade que apesar de grande, você sempre esbarra com conhecidos, e as pessoas fazem sempre a mesma coisa. Aplaudiam o pôr-do-sol no Arpoador, agora migraram pra mureta da Urca - e vão todos juntos, sem formalidade. A falta de formalidade, típica das grandes cidades, é o meu elemento preferido do Rio